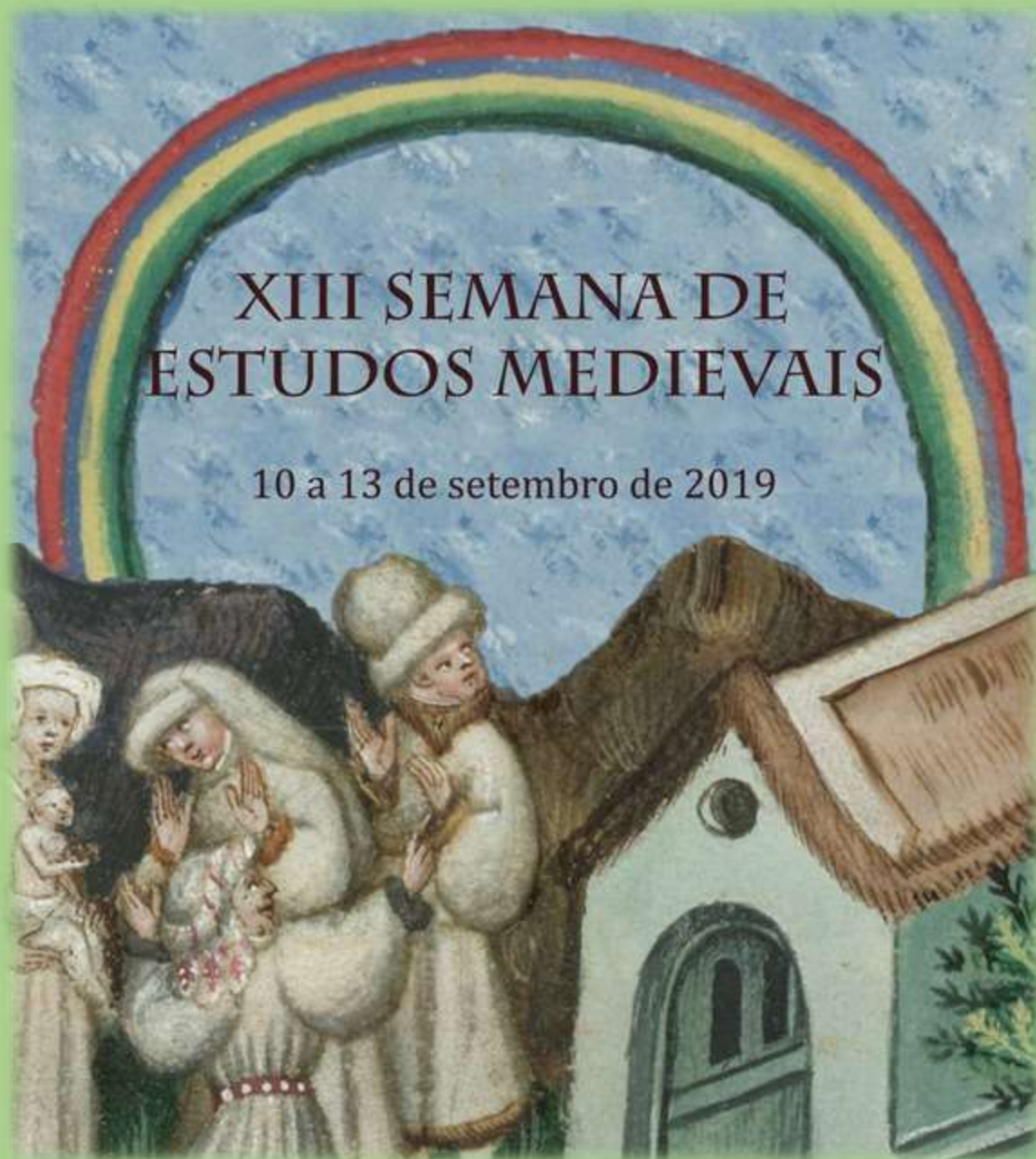


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS

CADERNO DE RESUMOS DA XIII SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS



**XIII SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
10 a 13 de setembro de 2019
PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
INSTITUTO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Coordenação Geral

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva
Juliana Salgado Raffaeli
Leila Rodrigues da Silva
Paulo Duarte Silva

Comissão Organizadora

André Rocha de Oliveira
Antônio Gabriel Guindane da Silva Barbosa
Carolina Coelho Fortes
Clarissa Mattana de Oliveira
Gabriel Braz de Oliveira
Gabriella de Oliveira Medina
Guilherme Marinho Nunes
Isabela Silva Ribeiro
João Victor Machado da Silva
Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira
Juliana Prata da Costa
Juliana Spohr
Lucas Fernandes Falsett
Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira
Nathalia Agostinha Xavier
Nathalia Serenado da Silva
Paulo Pachá
Renan Costa da Silva
Vanessa Gonçalves Paiva

Equipe de Apoio

Andréa Reis Ferreira Torres
Camila Coelho de Paula Mello
Gabriela Conceição de Oliveira
Lizandra da Silva Rodrigues
Lucas Moreira Calvo
Marcella Teixeira da Costa Alcântara
Marcelo Roberto da Silva
Maria Eduarda de Moraes Vieira Peixoto
Nathália Cardoso Rachid de Lacerda
Nathalia Cristina Freitas Sales
Patricia Moraes Mendes de Sousa
Renan da Justa Corrêa
Thaiana Gomes Vieira
Thalles Braga Rezende Lins e Silva

Imagem da Capa

Adaptação do “Milagre do arco-íris no nascimento de Fremund”, século XV.
LYDGATE, John. **Lives of SS Edmund and Fremund**. Harley MS 2278: 1434-1439. f 72v.

Projeto Gráfico da Capa

Guilherme Antunes Junior
Bruno Leonardo Frazão da Silva

Edição do Caderno de Resumos

Paulo Pachá

Revisão

Juliana Salgado Raffaeli

Realização:

Programa de Estudos Medievais
www.pem.historia.ufrj.br
Contato: pem@historia.ufrj.br



APRESENTAÇÃO

As “Semanas de Estudos Medievais” são regularmente promovidas pelo Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, desde 1991. Este ano, realizamos a XIII Semana de Estudos Medievais, e, como nas edições anteriores, buscamos proporcionar condições para a divulgação da produção acadêmica de pesquisadores de Graduação e Pós-Graduação.

Durante o evento, tal produção é apresentada em sessões de comunicações. Estas são coordenadas por pesquisadores mais experientes que, em sua grande maioria, atuam no ensino superior e já dispõem de uma larga trajetória na área dos estudos medievais. Assim, alunos de diferentes instituições de ensino que concluíram seus cursos a partir de 2017 ou ainda estão cursando, e com formação em diversas áreas – História, Filosofia, Letras e afins – poderão dialogar e aprimorar seus conhecimentos.

Nesta edição, além de discentes e docentes da UFRJ, receberemos pesquisadores provenientes da UERJ, UNIRIO, UFF, UFRRJ, FGV, USP, UEM, UFPE, UFPR, UFS, UNESPAR, UNIFESP, UNIPAMPA, Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e Universidade Nova de Lisboa.

Por fim, ressaltamos o lançamento de livros que apresentam conclusões de pesquisas desenvolvidas no campo dos estudos medievais no Brasil. Queremos, portanto, com a realização da XIII Semana de Estudos Medievais, reafirmar o empenho do Programa de Estudos Medievais da UFRJ em estimular reflexões acadêmicas sobre o medievo no Brasil; propiciar um ambiente de troca intelectual entre pesquisadores em formação e especialistas, e contribuir para a consolidação do medievalismo em nosso país.

Rio de Janeiro, 09 de setembro de 2019
Coordenação do Programa de Estudos Medievais

PROGRAMAÇÃO COMPLETA DO EVENTO
XIII SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
10 a 13 de setembro de 2019

QUADRO BÁSICO DAS ATIVIDADES

Dias/ Horários	Terça-feira 10/09	Quarta-feira 11/09	Quinta-feira 12/09	Sexta-feira 13/09
14h às 15h50	Sessões de comunicações	Sessões de comunicações	Sessões de comunicações	Sessões de comunicações
16h às 17h50	Abertura: Saudação aos participantes Lançamento de livros	Sessões de comunicações	Sessões de comunicações	Sessões de comunicações
18h às 20h	A tradução como lugar da (in) tolerância cultural: controvérsias linguísticas e dogmáticas na obra Apologia contra Rufino de Jerônimo Raquel Parmegiani (UFAL)	“Os homens apenas constatam, não criam as verdades”: as práticas da escrita e as ideias de autoridade e autoria nas obras de Agostinho de Hipona Raquel Parmegiani (UFAL)	“Sodofobia” e formas de violência no direito castelhano medieval Marcelo Lima (UFBA)	O gênero da violência e a violência de gênero: corpo, tormento e morte nas <i>ejecutorias</i> castelhanas, séculos XV e XVI Marcelo Lima (UFBA)

PROGRAMAÇÃO DETALHADA

ABERTURA OFICIAL

Dia: 10 de setembro de 2019

Horário: 16h

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

Atividades:

- Saudação aos participantes

LANÇAMENTO DE LIVROS

Dia: 10 de setembro de 2019

Horário: 16h às 17h50

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

CONFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA 01:

A tradução como lugar da (in) tolerância cultural: controvérsias linguísticas e dogmáticas na obra Apologia contra Rufino de Jerônimo

Dia: 10 de setembro de 2019

Horário: 18h às 20h

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

➤ Profa. Dra. Raquel Parmegiani (UFAL)

Nossa atenção nesta fala se voltará para o exercício de tradução - do grego para o latim - dos textos que compõe a Bíblia cristã católica. Entendemos que esse processo tem uma relação dialética com a tradição de leitura que o Ocidente cristão latino desenvolveu com este objeto cultural ao longo da sua história. Não há dúvidas de que esse cristianismo nasceu da tradução e na tradução. Ousamos dizer que os textos produzidos por esse trabalho se tornaram até mais importante do que seus originais, posto que, dificilmente o leitor leu ou lê, a Bíblia na língua em que fora escrita.

Esse processo de tradução é, portanto, parte constitutiva desta obra. Mas fica a questão, até que ponto os textos de partida estão contemplados nos textos de chegada? Até onde as diferenças culturais puderam ser resolvidas nas traduções sem que os originais se perdessem nesse processo? Qual consequência desta possível perda? Por que determinada tradução ganha legitimidade sobre todas as outras?

Para tentar responder estas indagações faremos uma reflexão sobre as regras, normas ou convenções que governavam a prática da tradução neste período, que se construíram a partir das fronteiras culturais e dos fluxos de textos cristãos entre a parte oriental e ocidental do Império Romano. Deve-se destacar que o Ocidente esteve sensivelmente atrasado em relação ao Oriente quanto a produção de comentários bíblicos, assim como os textos do Novo Testamento foram primeiramente escritos em grego, e isso, em certa medida, fez com que autores cristãos se empenhassem na tradução desse material, assim como refletissem sobre essa prática, como é o caso de Santo Agostinho e São Jerônimo, autores que trataremos aqui.

CONFERÊNCIA 02:

“Os homens apenas constataam, não criam as verdades”: as práticas da escrita e as ideias de autoridade e autoria nas obras de Agostinho de Hipona

Dia: 11 de setembro de 2019

Horário: 18h às 20h

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

➤ Profa. Dra. Raquel Parmegiani (UFAL)

Nosso trabalho parte das questões levantadas pela história cultural, para fazer uma reflexão sobre a prática da escrita e usos sociais dos textos cristãos nos séculos IV e V, tendo como ênfase a relação entre o escritor e o texto, no que tange a questão da autoria. Se não podemos falar em autor no sentido moderno da palavra para este período, nos cabe aqui, investigar as formas de atribuição de autoridade que esta sociedade deu aos discursos. Nossa análise terá um fio condutor as obras de Santo Agostinho e São Jerônimo, homens que tiveram uma atuante influência na construção de uma tradição cristã de testemunho da “verdade”, que recaiu sobre certos textos considerados parte do cânon

bíblico e de comentários que legitimaram uma determinada forma de leitura desse material cultural. Destacasse em suas obras uma perspectiva de compreensão de autoria em que eles mesmo – autores cristãos -, não se colocam em um papel passivo perante esta atividade, visto que há sempre uma indicação de que a causa eficiente primeira do conhecimento que é Deus, porém Este faz conhecer sua vontade por meio de causa eficiente segunda ou auxiliar que é o autor humano, de quem é cobrado uma relação intensa com o conhecimento da retórica, da gramática, da física etc., ou seja um trabalho dialético entre o conhecimento divino e a ação humana.

CONFERÊNCIA 03:

“Sodofobia” e formas de violência no direito castelhano medieval

Dia: 12 de setembro de 2019

Horário: 18h às 20h

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

➤ Prof. Dr. Marcelo Lima (UFBA)

As maneiras de viver e significar os prazeres e desejos sexuais são inexoravelmente históricas. A sodomia medieval tem sido interpretada de diversas formas pela historiografia contemporânea, sendo comumente confundida com a(s) homossexualidade(s) contemporânea(s). Ela não era a principal temática que preocupava tratadistas, moralistas, canonistas, teólogos, pregadores e autoridades seculares ou eclesiásticos durante o medievo. No entanto, mesmo sendo um assunto comparativamente secundário, diante de outras transgressões sexuais, tais como o adultério, a bigamia, o concubinato e a violação, a sodomia passou a figurar na legislação castelhana de diversas maneiras ao longo dos séculos XIII ao XVI. Mesmo assim, as práticas sodomíticas tornaram-se reveladores dos níveis de conflitualidade social, cultural e institucional dado seu caráter disruptivo e transgressor da ordem social e política. Assim, partindo do pressuposto de que as sexualidades são fenômenos com historicidade complexa e dinâmica, portanto, não naturais, embora naturalizadas, pretende-se analisar as numerosas modalidades de violência que recaíam sobre a sodomia. Para tal, concentrar-se-á nos discursos normativo-jurídicos ibéricos sobre esse tema à luz dos Estudos de Gênero e das Teorias Queers, contribuindo para a construção de uma espécie de História Institucional de Gênero.

CONFERÊNCIA 04:

O gênero da violência e a violência de gênero: corpo, tormento e morte nas ejecutorias castelhanas, séculos XV e XVI

Dia: 13 de setembro de 2019

Horário: 18h às 20h

Local: Salão Nobre – Largo de São Francisco, 1 – Centro – IH

➤ Prof. Dr. Marcelo Lima (UFBA)

A violência não é um fenômeno ahistórico, porque ela carrega o peso de diversos marcadores sociais. Como o gênero afeta a violência e como a violência recai sobre os corpos de homens e mulheres no medievo castelhano nos séculos XV e XVI? O gênero é um dos marcadores centrais para entender as assimetrias, simetrias, horizontalidades e hierarquias no uso e justificativas socioculturais, institucionais, políticas e jurídicas da

violência? As diretrizes de gênero exercem um poder por meio da violência basicamente composta por sua dimensão masculina? Se levarmos em consideração as pesquisas historiográficas sobre o tratamento sobre o que era considerado crimes, sexuais ou não, nas *ejecutorias* castelhanas, é possível identificar poucos trabalhos sobre as relações entre gênero e o fenômeno da violência. A situação é ainda mais problemática quando levamos em conta a análise das orientações teóricas, metodológicas e epistemológicas, pois elas ainda oscilam entre um realismo acrítico e um pós-modernismo radical. A historiografia contemporânea tem postergado significativamente as investigações sobre as relações entre gênero, crime e castigo. Ou ignora-se completamente as diretrizes de gênero na dinâmica histórica e historiográfica, ou reproduz-se infundáveis descrições que pouco atestam os pesos e mobilidades que o gênero possuiria na caracterização de sujeitos, delitos e punições. Em se tratando da historiografia espanhola, há temas pesquisados, cujas assimetrias e hierarquias podem ser mais facilmente identificadas, tais como a prostituição, o adultério, o concubinato, o estupro ou a violação. Se há uma profusão de trabalhos sobre a moral sexual, há poucas pesquisas que incluam as tipologias delitivas ligadas ao roubo, às agressões, às injúrias e ao homicídio. Mas em todos esses casos é evidente a ausência de investigações que aplicam o gênero como categoria de análise histórica e historiográfica. Nesta conferência, portanto, pretendo discorrer sobre a problemática do homicídio nas chamadas *ejecutorias* a partir de uma perspectiva teórico-conceitual e metodológica compatível com os Estudos de Gênero.

PROGRAMAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

10 de setembro – terça-feira

14h – 15h50

SESSÃO 1: MULHERES MEDIEVAIS 1

Reflexões sobre o papel da mulher na Idade Média: um estudo sobre a construção do ideal feminino por Leandro de Sevilha e seus ecos na perspectiva medieval

Amanda da Cruz Xavier

Pregação e poder eclesiástico no Ocidente: um olhar para a caracterização das mulheres casadas (séc. VI)

Gabriela Conceição de Oliveira

O protagonismo feminino na literatura anglo-saxã

Hayanne Porto Grangeiro

Episcopado alto-medieval e História das Mulheres (século VI): considerações sobre a *Epístola à Gregória*, de Gregório Magno

Letícia Alves Jordão

SESSÃO 2: HAGIOGRAFIAS NA ALTA IDADE MÉDIA

“Desertou da milícia terrena e juntou-se a divina”: primeiras impressões acerca do papel do santo na validação do poder da aristocracia episcopal no contexto socioeconômica da Gália romana do século V

Elvis Batista de Souza

Considerações iniciais sobre os milagres na *Vita Sancti Fructuosi*

Gabriela de Oliveira Medina

Considerações sobre os milagres na *Vita Sancti Radegundis*

Juliana Prata da Costa

***Vita Sancti Aemiliani*: uma abordagem preliminar acerca da construção da santidade pelo bispo Bráulio de Saragoça (séc. VII)**

Juliana Spohr

SESSÃO 3: IMAGENS NA IDADE MÉDIA 1

As imagens nas Cantigas de Santa Maria, de Dom Alfonso X

Carlos Henrique Durlo

A consciência cristã e seu ideal moral na vida de Santo Antão: apontamentos sobre as gravuras de Albrecht Dürer e Jacques Callot na coleção da Biblioteca Nacional

Fellipe Eduardo Gonçalves Amorim

“Bendita és tu entre as mulheres”: a ornamentalidade na iconografia da Anunciação em três livros de Horas de “estilo Pucelle”

Gabriel Alves Pereira

Afrescos do Bem Comum de Ambrogio Lorenzetti: uma representação iconográfica de uma sociedade política-utópica na comuna de Siena

Marcos Venicius Gonçalves de Farias

16h – 17h50

Lançamento de livros e abertura do evento.

11 de setembro – quarta-feira

14h – 15h50

SESSÕES 4: EXPRESSÕES RELIGIOSAS NA ALTA IDADE MÉDIA

Os projetos soteriológicos das tradições cristã e hindu na Idade Média – a construção de um objeto de pesquisa

Nathália Cardoso Rachid de Lacerda

O batismo em sua relação com a eucaristia nas *Sententiae Libri Tres* de Isidoro de Sevilha (século VII)

Nathália Serenado da Silva

Distinção religiosa e conflitos entre clérigos e leigos nos concílios interprovinciais francos (séculos VI e VII)

Renan Costa da Silva

Os escritos de Avito de Viena: questões e possibilidades acerca do reino burgúndio e da Gália entre os séculos V e VI

Vanessa Gonçalves Paiva

SESSÃO 5: INTERAÇÕES CULTURAIS E RELIGIOSAS

Relações inter-religiosas na península ibérica medieval

Alinde Gadelha Kühner

A invasão Árabe no Magreb africano: apontamentos sobre as estratégias muçulmanas e as primeiras resistências berberes

Giovanna Ily Farias Ramalho

O mouro como inimigo: o discurso cruzado na conquista de Lisboa em 1147

Leandro Ribeiro Brito

Judeus: um olhar pelas terras peninsulares

Rayane Araujo Lopes

SESSÃO 6: REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E POLÍTICAS NO MEDIEVO

A raposa e suas representações na obra o Livro das Bestas e el Fisiólogo

Camila da Silva Santanna Figueiredo

As representações de Carlos Magno e Alfredo, o Grande a por meio da inserção de elementos veterotestamentários (séculos VIII-IX)

Luís Felipe da Silva Rodrigues

A rainha Teresa na primeira crônica anônima de Sahagún (século XII): autoridade, conflitos e família

Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira

No fio do tempo: os rastros de representações sobre Berenguela (1180-1246) na historiografia

Thaís Monique Costa Moura

16h – 17h50

SESSÃO 7: ESCANDINAVOS E NORMANDOS NA IDADE MÉDIA

Do *Hávamál* aos nórdicos: como os estudos sobre a literatura medieval são importantes para a criação de um novo olhar sobre os povos escandinavos

Alexandre Pinto de Souza e Silva

***Equites et Pedites*: o lugar da infantaria normanda nas narrativas sobre a Batalha de Hastings**

Paulo Christian Martins Marques da Cruz

Normandos, usos e abusos do conceito no período da Restauração 1814-1830

Renan Perozini Gomes Barrozo

“Poder e guerra”: o rei norueguês como agente da cristianização (século X)

Renan da Justa Corrêa

SESSÃO 8: VIOLÊNCIAS MEDIEVAIS

Aspectos éticos no Livro da Ordem de Cavalaria de Ramon Llull. Por uma Autonomia da Ética Luliana

Augusto Leandro Rocha da Silveira

Violência e santidade na Antiguidade Tardia: uma análise de conflitos violentos nas hagiografias monásticas do século V

Lucas Moreira Calvo

Conexões entre Roma e Tomar: a ligação do projeto político de Inocêncio III (1198 -1216) para Portugal e sua ligação com a Ordem do Templo

Marcus Vinícius de Souza

Uma narrativa guerreira? O papel do monasticismo na escrita da Cruzada contra os cátaros a partir do exemplo da *Historia Albigensis* (c. 1212-1218)

Thalita Soares Claudino

SESSÃO 9: GUERRA MEDIEVAL

A mulher medieval e a guerra - O caso de Christine de Pisan

Hiram Alem

1147 – A representação do cerco de Lisboa através da carta do cruzado inglês

Giuliano Vieira Sant’anna

Até o Primeiro Sangue: o ritual do Hólmanga

Lukas Paz de Barros Lima

A bula *Ad ea ex quibus* e a nova Ordem de Cavalaria de Jesus Cristo

Raphael Pais Ventura

12 de setembro – quinta-feira

14h – 15h50

SESSÃO 10: PORTUGAL MEDIEVAL

Processo de reestruturação do sistema heráldico português por D. Manuel I (1495-1521)

Franklin Maciel Tavares Filho

Considerações sobre a datação da Crônica dos Godos: novos olhares

Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira

A morte dos primeiros reis de Avis e o processo de consolidação do poder régio em Portugal (séculos XIV-XV)

Nathalia de Ornelas Nunes de Lima

Letras no Paço da Alcáçova – contatos e identidades nos escritos da Dinastia de Avis

Raquel Hoffmann Monteiro

SESSÃO 11: PAPADO E ORDENS MENDICANTES

Os primeiros contemplados do bem-aventurado Francisco: uma análise do viés social dos milagres pós-morte na *Vita Prima Sancti Francisci*

Gabriel Braz de Oliveira

O que Deus uniu a arrogância pode separar? Algumas considerações sobre o “Grande Cisma” de 1054

Leandro César Santana Neves

Santa Clara de Assis (1193-1253) e a regra das irmãs clarissas pobres: a singularidade da forma de vida clariana

Karine Goulart de Almeida

Um “homem de saber” entre os Menores: reflexões sobre a educação de Antônio de Pádua nas primeiras hagiografias do século XIII

Victor Mariano Camacho

SESSÃO 12: PODER E JUSTIÇA NA IDADE MÉDIA

Poder e propriedade na *Lex Visigothorum*: elementos de afirmação proprietária e poder senhorial nas leis visigodas (séc. VII)

Guilherme Marinho Nunes

Os modelos reais presentes nos livros IV, V e VI da *Historia Langobardorum*, de Paulo o Diácono

Marcelo Roberto da Silva

Aspectos do processo jurídico segundo *El Especulo de Las Leyes* de Afonso X

Mayara Ramos Saldanha

Discursos de poder e heroísmo em *Beowulf* e na saga de *Harald Hardrada*

Tiago Quintana

16h – 17h50

SESSÃO 13: IMAGENS NA IDADE MÉDIA 2

As imagens astrológicas e o regime analógico no medievo

Jefferson de Albuquerque Mendes

Discussões sobre a filiação artística do manuscrito 50,1,016 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Maria Izabel Escano Duarte de Souza

Os caminhos para a salvação: das faltas ao perdão na *Arte de Bien Morir* (1484)

Patrícia Marques de Souza

O *Adelantado Mayor de la Frontera* na Crónica de Alfonso X

Marcio Felipe Almeida da Silva

SESSÃO 14: HAGIOGRAFIAS E MONASTICISMO NA ALTA IDADE MÉDIA

Textualidade e forma de vida: relações entre letramento e regras monásticas (sécs. V-VII)

Bruno Uchoa Borgongino

O homem santo e a “cristianização da paisagem”: uma análise comparada de duas hagiografias hiberno-latinas de fins do século VII

Clarissa Mattana

***Vita Augustini* (432-439): heresias nos séculos IV e V no norte da África**

Claudia Menezes Alves

As modalidades de cristianização na *Vita Antonini* (século VI-VII)

Juliana Salgado Raffaeli

SESSÃO 15: INGLATERRA MEDIEVAL

As relações de poder no reinado de João I da Inglaterra (1199-1216): conflitos entre a realeza, nobreza e clero

Gabriel Toneli Rodrigues

Fazendo História na Idade Média: discurso e narratividade nas crônicas inglesas (séculos IX ao XII)

Lucas Rodrigues

Bispos, reis e nobres cristãos: uma análise das relações de poder no reino de Kent após a conversão (séculos VI-VII)

Nathalia Agostinho Xavier

A aristocracia inglesa no século XIV a partir dos textos sobre Robin Hood

Vitor Nunes da Silva

13 de setembro – sexta-feira

14h – 15h50

SESSÃO 16: IDADE MÉDIA E DISCUSSÕES HISTORIOGRÁFICAS

Balanco sobre a produção acadêmica nacional acerca das compilações mendicantes “*Legenda aurea*” (Jacopo de Varazze) e “*Legende Sanctorum*” (Juan Gil de Zamora): um levantamento a partir da Plataforma Lattes do CNPq

André Rocha de Oliveira

Uma historiografia sobre o corpo: a Idade Média como temporalidade de análise

Cleiton Batista de Oliveira

Cultura popular, paganismo e superstição: considerações historiográficas sobre a Alta Idade Média (séculos VI-VIII)

Maria Júlia Dutra Rabelo

***Problemas de Gênero* e Identidade Cristã na Querela Jovinianista (Século V)**

Wendell dos Reis Veloso

SESSÃO 17: ALTERIDADE E MARGINALIDADE MEDIEVAL

O conceito de ortodoxia no médio medievo – suas implicações sociais e políticas

Hiago Maimone Rebello

“A lei invoca Cristo!”: anti-judaísmo e exegese nos *sermones de scriptura* de Cesário de Arles (502-542)

João Victor Machado da Silva

A outra face do diabo: a personificação cômica de satanás como um escapismo aos males sociais no medievo ocidental

Maria Eduarda Franco Gallo

Uma análise comparada da demonização nos *Milagros de Nuestra Señora*, de Berceo, e no *Liber Mariae*, de Juan Gil de Zamora

Thalles Braga Rezende Lins da Silva

SESSÃO 18: MEDIEVALIDADES EM DEBATE
--

A relação de ingleses medievais com o racismo estadunidense do final do século XX no filme *Loucuras na Idade Média* (2001)

Adriele de Jesus Costa

Manifestações da religião e religiosidade medieval no discurso fílmico: apontamentos

Isabela Silva Ribeiro

A conversão na jihad da Idade Média *versus* a conversão na jihad dos grupos radicais islâmicos

Nathália Velloso de Castro Costa Ribeiro

Basílica Nacional de Aparecida: imagens do medievo e imagens da contemporaneidade

Richard Gomes

16h – 17h50

SESSÃO 19: EXPRESSÕES LITERÁRIAS NA IDADE MÉDIA
--

Martinho de Braga: análise e contextualização histórica

Caio da Silva Gonçalves

O gênero cronístico e as *gesta* de Adam de Bremen (séc. XI): a construção de estratégias missionárias ao norte europeu

Lucas Fernandes Falsett

Risos na “Idade das Trevas” provocados pelas Cantigas de Escárnio e Maldizer de Afonso X

Robson Rafael de Oliveira Nascimento

Cultura política e identidade: categorias de análise possíveis para a Idade Média? As crônicas britânicas em perspectiva (Séculos VI-IX)

Luciana Araújo de Souza

SESSÃO 20: CIDADES MEDIEVAIS ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

"Per trabalho de seus corpos" - as petições dos mesterais da Lisboa medieval (séculos XIII-XIV)

Bruno Marconi da Costa

[Re]construindo e [re]vivendo a Idade Média: fragmentos etnográficos de uma experiência no medievalismo contemporâneo

João Batista da Silva Porto Junior

A cidade Alto Medieval: Roma, Paris, Tours e Nápoles (séculos V-VI)

Tomás de Almeida Pessoa

SESSÃO 21: MULHERES MEDIEVAIS 2

O olhar sobre Urraca I (1081-1127) dentro dos anseios de uma época

Luísa Vilas Boas dos Santos

As *beguinas* e a normatização da vida religiosa feminina: um estudo comparado do processo de Marguerite Porete (1250-1310) e dos decretos do Concílio de Vienne (1311-1312)

Danielle Mendes da Costa

O processo de inquisição de Marguerite Porete como documento para análise da espiritualidade feminina no início do século XIV

Andréa Reis Ferreira Torres

Arte e Cultura: Imagens e textos dos manuscritos Bnf, Fr. 854 e 12.473

Roberta M. da Gama Bentes

RESUMOS

A RELAÇÃO DE INGLESES MEDIEVAIS COM O RACISMO ESTADUNIDENSE DO FINAL DO SÉCULO XX NO FILME LOUCURAS NA IDADE MÉDIA (2001)

Adriele de Jesus Costa (Graduada - UFF Campos)

Este trabalho tem intuito de apresentar a ressignificação étnico-racial da Idade Média no filme *Loucuras na Idade Média* (2001), de Gil Junger. A leitura fílmica do Medievo baseia-se na imagem que o público tem da história, isto é, a produção cinematográfica reproduz um imaginário medieval que há na sociedade, sobretudo no tocante a sua ambientação. Sob essa visão do público o filme recria uma interpretação étnico-racial dos medievais com finalidade de mostrar um possível caminho para solucionar os conflitos raciais no contexto de sua produção. Os conceitos de cultura histórica e narrativa histórica de Jörn Rüsen são os baluartes para compreender esse sentido, bem como a relação entre presente, passado e presente-futuro produzida na fonte por meio da decupagem e montagem cinematográfica. Para entender essa ideia, analisaremos os seguintes pontos no filme: espaços geográficos, as pessoas que os habitam e as relações entre elas.

DO HÁVAMÁL AOS NÓRDICOS: COMO OS ESTUDOS SOBRE A LITERATURA MEDIEVAL SÃO IMPORTANTES PARA A CRIAÇÃO DE UM NOVO OLHAR SOBRE OS POVOS ESCANDINAVOS

Alexandre Pinto de Souza e Silva (Mestrando – FGV/CPDOC)

No presente trabalho, busco realizar uma leitura aprofundada sobre o conto nórdico *Hávamál* (“os ditos do alto”, em tradução livre). O texto compõe um seleto grupo de histórias criadas na Europa Setentrional no século X, conhecidas como *eddas*, responsáveis por constituir importantes relatos da religiosidade desses povos. No caso, o conto pertence à *Edda poética*, que é uma seleção de livros escritos ao longo dos anos e sem uma autoria. Nisso, busco utilizar esse texto para dar um novo olhar sobre o mundo nórdico, capaz de colocar diferentes olhares e também novas interpretações devido ao seu caráter heterogêneo, desmistificando a ideia presente nos dias atuais sobre o que entendemos da cultura nórdica. Para isso, busco em medievalistas como Jacques Le Goff e Georges Duby o olhar crucial para se obter leituras historiográficas acerca da compreensão dos fatos no corrente momento, sobretudo, enfocando nas questões literária, usos de linguagem, estudos de narrativa e entendimento de valores socio-culturais. Desse modo, buscamos compreender melhor as funções e interesses inseridos na sociedade *viking* naquele contexto histórico.

RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL

Alinde Gadelha Kühner (Doutoranda – PPGHC/UFRJ)

Ao longo das últimas décadas, os estudos sobre a Península Ibérica Medieval têm dentre os seus temas recorrentes as relações entre cristãos e outros credos - judeus e muçulmanos. Essas relações se davam pela presença das três religiões no mesmo território, e pela disputa travada entre cristãos e muçulmanos pelo domínio do mesmo. Nesses estudos, percebem-se algumas tendências: enfatizar o conflito, enfatizar as negociações e influências mútuas, abordagens em que conflitos e negociações são analisados de forma balanceada. Não há consenso para tipificar conceitualmente as formas pelas quais os grupos se conectavam - alguns dos conceitos mais utilizados são

"convivência", "tolerância" e "coexistência".

Em nossa pesquisa de doutorado, uma revisão bibliográfica deste tema é essencial, pois comparemos as formas pelas quais as relações entre muçulmanos e cristãos foram representadas em três obras medievais que têm o guerreiro Rodrigo Diaz de Vivar, El Cid, como protagonista. Sendo assim, esta revisão será utilizada em nosso estudo para que, ao longo da escrita da tese, nos posicionemos ante a essas orientações conceituais.

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER NA IDADE MÉDIA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO IDEAL FEMININO POR LEANDRO DE SEVILHA E SEUS ECOS NA PERSPECTIVA MEDIEVAL

Amanda da Cruz Xavier (Graduanda – UERJ)

O presente trabalho tem por finalidade apresentar a forma a figura feminina foi representada na Idade Média, tal como ilustrar os modelos eclesiásticos femininos a partir da regra monástica, escrita por Leandro de Sevilha, especialmente os itens VI, XI e XV, que tratam da busca pela compreensão da relação existente nos ideais de humildade, modéstia e práticas de leituras e orações constantes estabelecidas pela igreja. Pretende-se dialogar com discussões teóricas atuais que versam sobre a proeminência da representatividade da mulher na Idade Média.

BALANÇO SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL ACERCA DAS COMPILAÇÕES MENDICANTES “*LEGENDA AUREA*” (JACOPO DE VARAZZE) E “*LEGENDE SANCTORUM*” (JUAN GIL DE ZAMORA): UM LEVANTAMENTO A PARTIR DA PLATAFORMA LATTES DO CNPQ

André Rocha de Oliveira (Doutorando – UFRJ)

No período denominado Idade Média Central (séculos XI a XIII), mais precisamente durante a segunda metade do século XIII, observamos o aparecimento de dois legendários produzidos no seio das ordens mendicantes. Um deles, a *Legenda aurea*, do frade dominicano Jacopo de Varazze, obteve grande repercussão desde o momento de sua redação — tendo sobrevivido mais de mil manuscritos até os dias de hoje. Já o outro, a “*Legende Sanctorum*”, do franciscano Juan Gil de Zamora, foi, aparentemente, menos conhecido se adotarmos o mesmo critério: apenas um manuscrito persistiu até a atualidade.

Na presente comunicação, que demarca ainda o início da pesquisa de doutorado, dedicaremos-nos a apresentar um balanço sobre a produção acadêmica nacional realizada a partir da análise de cada um dos legendários mendicantes supracitados. Para isso, utilizaremos como base de coleta de dados a Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O PROCESSO DE INQUISIÇÃO DE MARGUERITE PORETE COMO DOCUMENTO PARA ANÁLISE DA ESPIRITUALIDADE FEMININA NO INÍCIO DO SÉCULO XIV

Andréa Reis Ferreira Torres (Doutoranda – UFRJ)

A presente comunicação tem o objetivo de apresentar uma parte da etapa inicial de nossa pesquisa de doutorado, que visa estudar a espiritualidade feminina a partir da

comparação de quatro casos e documentos, dois dos quais já analisados na pesquisa de mestrado: o *Processo de Canonização de Clara de Assis*, produzido na Úmbria, em 1253, com os relatos do grupo de mulheres que vivia sob sua liderança espiritual e a comprovação de sua santidade aceita; o *Processo Inquisitorial contra os Devotos e as Devotas de Santa Guglielma*, que ocorreu em Milão, em 1300, também com os testemunhos daqueles que viviam ao seu redor e viam nela uma figura de inspiração espiritual; a *Vida de Maria d'Oignies*, que morreu em 1213, na região de Liège e que foi considerada santa e modelo de espiritualidade feminina mesmo pertencendo a uma comunidade não institucionalizada e por vezes considerada herética; e a consulta aos teólogos registrada nos autos do processo inquisitorial de Marguerite Porete, ocorrido em Paris, em 1310, e que contém elementos para avaliar a espiritualidade desenvolvida por uma mulher que compôs uma obra e foi condenada à morte.

Como um dos primeiros passos dessa pesquisa, nos propomos a apresentar, separadamente, como nosso objeto, ou seja, a espiritualidade feminina do início do século XIII ao início do século XIV, é apresentada por cada uma das fontes selecionadas. Nessa comunicação, ao analisarmos o processo inquisitorial que trata de Marguerite, discutiremos ainda as abordagens metodológicas possíveis para o documento e os desafios trazidos pela ainda pouca análise historiográfica que este recebeu.

ASPECTOS ÉTICOS NO LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA DE RAMON LLULL. POR UMA AUTONOMIA DA ÉTICA LULIANA.

Augusto Leandro Rocha da Silveira (Doutorando – IEM/Universidade Nova de Lisboa)

Descrevendo-o de forma ampla, nosso objeto de estudo é a Ética no Livro da Ordem da Cavalaria (1279-1283) de Ramon Llull, onde o filósofo catalão pretende sistematizar e orientar os novatos interessados no ofício de Cavaleiros pleiteantes a ocupar uma vaga na Ordem da Cavalaria e, para tanto, elenca valores de ordem espiritual, moral e éticos. Desta maneira, o Doutor Iluminado invoca valores cristãos para expor as características deste ofício destinado a poucos durante o Medievo Europeu. A referida sistematização expôs o caráter divino do Cavaleiro, que, para Llull, deve estar a serviço da fé cristã em sua luta contra os infiéis, pacificando os homens. A presente Obra foi uma contribuição de Llull para normatizar e instituir à Cavalaria seu próprio código de ética através das polaridades, virtudes/vícios, com semelhanças ao pensamento aristotélicotomista, além, de delimitar as virtudes, seus costumes e as questões envolvidas neste tão nobre ofício. Faremos uma análise minuciosa acerca da ética das virtudes luliana presente no referido livro, cotejando-a com a noção de virtude presente nas obras *Ética* a Nicômaco de Aristóteles, *O Livre-Arbítrio* de Santo Agostinho e a *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino, demonstrando, ao final, a originalidade do pensamento luliano.

"PER TRABALHO DE SEUS CORPOS" - AS PETIÇÕES DOS MESTEIRAIIS DA LISBOA MEDIEVAL (SÉCULOS XIII-XIV)

Bruno Marconi da Costa (Doutor – UFRJ)

A cidade de Lisboa atravessou uma série de transformações sociais, econômicas e políticas após a conquista pelas tropas cristãs lideradas por D. Afonso Henriques no ano de 1147. A partir do século XIII houve rápido crescimento urbano, implicando em uma dinamização das atividades produtivas e transformando o que antes era uma praça de

fronteira contra as forças muçulmanas do Al-Gharb em sede do poder régio do reino de Portugal. Essas mudanças estruturais são observáveis através da complexificação do mercado e da produção industrial lisboeta, que resultou em novos agentes sociais gradualmente ocuparem posições de poder, entre eles os *mesterais*.

O objetivo da presente comunicação é analisar um dos principais instrumentos de negociação dos moradores das cidades medievais com o poder régio: as petições. Dentro da abordagem teórico-metodológica da história vista de baixo, analisaremos duas petições distintas em que os mesterais participaram ativamente na negociação com o poder régio: uma "petição de direito" datada do ano de 1285, na qual os habitantes de Lisboa (entre eles, muitos mesterais) negociam com o rei D. Dinis o fim de violações de uma série de costumes realizadas por seu pai, D. Afonso III; e uma "petição de mercê" apresentada em 1384, na qual os mesterais de Lisboa reivindicam ao Regedor e Defensor do reino de Portugal, D. João de Avis, uma série de questões referentes à participação política no concelho e à transformação no recolhimento de tributos na cidade. Identificaremos o contexto de cada petição, assim como os agentes envolvidos, a matéria e os resultados da negociação.

TEXTUALIDADE E FORMA DE VIDA: RELAÇÕES ENTRE LETRAMENTO E REGRAS MONÁSTICAS (SÉCS. V-VII)

Bruno Uchoa Borgongino (Doutor – UFPE)

O movimento monástico cristão emergiu nos desertos da Síria e do Egito no início do século IV, tendo posteriormente se dispersado ao redor do Mediterrâneo. Na Gália e nas Penínsulas Ibérica e Itálica, onde também se manifestou, houve considerável produção de códigos normativos que incidiam sobre a organização e o cotidiano das comunidades locais formadas por monges – as regras monásticas. Entre os séculos V e VII, a elite clerical dessas regiões tendeu a promover a indissociabilidade entre a vivência monástica legítima e o conhecimento e a observância de uma regra monástica reconhecida.

Nos documentos em questão, constata-se tensões entre a diretriz de saber e seguir prescrições escritas e o reconhecimento dos diversos níveis de letramento, ou mesmo de iletrados, entre os adeptos do monaquismo. Tais dados foram pouco considerados em estudos sobre regras monásticas, resultando em lacunas nas reflexões a respeito das interações entre as comunidades monacais e seus dispositivos normativos. Neste trabalho, pretendo fazer considerações sobre as relações pretendidas pela elite clerical latina entre a forma de vida monástica genuína, o letramento dos monges e a materialidade do texto das regras monásticas.

MARTINHO DE BRAGA: ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Caio da Silva Gonçalves (Graduando – UNESPAR)

No início do século V, chegam na região da *Gallaecia* alguns povos bárbaros, dentre eles os suevos. Os suevos eram um grupo pacífico que após se instalarem na região voltaram sua atenção a agricultura. Não sofreram pressão do Império Romano no início, porém, durante o século VI começam a ser uma preocupação para a Igreja Católica, tendo em vista que na região predominava as heresias conhecidas como arianismo (visigodos), priscilianismo e práticas pagãs. Martinho de Braga, nome muito importante na região,

havia chegado na Galiza no ano de 550 e já em 556 ganhou o título de bispo. Era um homem muito culto e inteligente, mas sua fama foi conquistada por usar esses atributos se dedicando inteiramente à reestruturação da Igreja na *Gallaecia*, além de combater as práticas pagãs e hereges. Também se preocupava com a monarquia, direcionando textos à própria coroa sueva. O objetivo da comunicação é avaliar a cristianização na região e sua importância para a consolidação e independência política dos suevos.

A RAPOSA E SUAS REPRESENTAÇÕES NA OBRA O LIVRO DAS BESTAS E EL FISIÓLOGO

Camila da Silva Santanna Figueiredo (Graduanda – UERJ)

O Livro das Bestas é uma fábula escrita entre os anos de 1288 e 1289 pelo teólogo, escritor e filósofo Raimundo Lúlio durante a sua primeira viagem à Paris. É a sétima parte de uma obra maior chamada de *Livro das Maravilhas* ou também chamado *Livro de Félix* composta por dez partes. Na fábula em questão se narra a história de uma corte formada apenas por animais e que desejavam eleger um novo rei para governá-los. O leão sai vencedor, contando principalmente com a ajuda da raposa que não é convidada para compor o conselho. Esta atitude a deixa revoltada e motivada a tramar artimanhas para destonar o Leão. A proposta é analisar as representações, os vícios, virtudes e o papel da raposa neste livro tendo como base comparativa outra obra chamada *El Fisiólogo*, um bestiário escrito entre os séculos II e IV em Alexandria, mas sem autoria reconhecida. Além disso, elucidar o motivo da raposa ser considerada como um animal astuto, não somente nessa fábula, como também em outros meios.

AS IMAGENS NAS CANTIGAS DE SANTA MARIA, DE DOM ALFONSO X

Carlos Henrique Durlo (Doutorando – UEM)

Para a sociedade medieval, a relação afetiva com a imagem sempre foi de extrema importância. A mediação era efetivada pela Igreja Católica no intuito de evangelizar, catequizar, converter e expandir o seu poder. A imagem transpassa a concepção de mundo e de humanidade do medievo.

As imagens medievais possuem o poder de presentificar o imaginário medieval, conservando a memória e perpetuando os ensinamentos religiosos. Nas Cantigas de Santa Maria e em suas iluminuras, o imaginário também está presente nas imagens do rei Dom Alfonso X e da Virgem Maria (sempre com o Menino Jesus ao colo), além de figuras religiosas, como os monges, crianças, animais e outras personagens que fazem parte do conteúdo histórico dos textos poéticos e das iluminuras. As imagens presentes nas iluminuras retratam e narram a manifestação do poder divino, rompendo os séculos e atestando a devoção do povo. Estabelece também a relação entre os fiéis e as potências divinas.

Ao longo de todo o período medieval, as imagens foram determinantemente marcadas pela influência do cristianismo no que diz respeito à iconografia, nos manuscritos iluminados, nos vitrais, nas esculturas e nos objetos litúrgicos. No tocante às Cantigas de Santa Maria, as iluminuras vinculam-se ao texto poético, embora não possuam uma relação biunívoca com a narrativa poética, pois, na maioria das vezes, ampliam e até mesmo apresentam detalhes não revelados no texto poético. As Cantigas de Santa Maria, obra de caráter religioso, apresentam imagens que permitem descobrirmos detalhes da vida do povo pertencente à segunda metade do século XIII, nos mais variados aspectos e centralizados na figura da Mãe de Deus, a Virgem Maria, cujo culto teve grande expansão no reinado de Dom Alfonso X.

O HOMEM SANTO E A “CRISTIANIZAÇÃO DA PAISAGEM”: UMA ANÁLISE COMPARADA DE DUAS HAGIOGRAFIAS HIBERNO-LATINAS DE FINS DO SÉCULO VII

Clarissa Mattana (Mestre – UFRJ)

A presente comunicação tem como objetivo discutir a relação entre cristianização e modificação da paisagem presente na literatura cristã irlandesa produzida no final do século VII. Para isso, comparamos duas hagiografias da tradição hiberno-latina, datadas do referido período: a *Collectanea*, de Tírechán; e a *Vita Columbae*, de Adomnán. Os hagiografados nessas obras são, respectivamente, Patrício, bispo que atuou na Irlanda no século V; e Columba, fundador e abade do monastério de Iona, no século VI. As hagiografias hiberno-latinas são documentos amplamente utilizados pela historiografia para estudar as disputas eclesiásticas na ilha durante o século VII, assim como a relação da Igreja com os poderes dinásticos e com populações não convertidas ao cristianismo.

A reivindicação de locais como igrejas, fontes e poços sagrados, e a sua articulação com a figura do homem santo, são aspectos do texto hagiográfico que podemos relacionar diretamente com embates entre grandes centros eclesiásticos da região, em que questões como influência territorial e monopólio religioso se encontravam em jogo. Derivada de nossa dissertação de mestrado, em nossa apresentação buscamos analisar, comparativamente, as narrativas sobre a atuação de Patrício e Columba junto à paisagem. Procuramos assim discutir como os espaços podem ser apropriados e ressignificados em nome de um projeto de poder, e de que forma se tornam elementos em disputa em um contexto de transformação religiosa.

VITA AUGISTINI (432-439): HERESIAS NOS SÉCULOS IV E V NO NORTE DA ÁFRICA

Claudia Menezes Alves (Graduanda – UFRJ)

De acordo com a historiografia tardo-antiquista, nos séculos IV e V a Igreja africana atravessou momentos conturbados, em meio aos “cismas” e “heresias”, numa conjuntura de desordem política e social, agravada pelo assédio dos vândalos no norte da África no início do século V.

A VA (432-439) insere-se neste contexto. A partir do relato de Possídio, sua proximidade frequente com Agostinho revela a existência de confrontos relacionados aos sínodos e concílios da época, ele ressalta ainda que, segundo estudiosos, a luta contra os movimentos heréticos e a prerrogativa de enaltecer as obras do bispo de Hipona: em seu conjunto, estes aspectos evidenciam a necessidade de avanço dos estudos dos conflitos religiosos, dogmáticos e doutrinários, implícitos na atividade predical do período. Com efeito, destaca-se a importância da ordenação sacerdotal e o que foi considerado, à época, uma de suas prerrogativas: a pregação pública.

Logo, a presente comunicação tem o objetivo de apresentar parte das considerações de nossa pesquisa monográfica: aqui, analisamos a importância assumida pela liderança cívica e, em especial, pela pregação do bispo de Hipona, a partir do relato hagiográfico da VA. Tendo em vista que, para além de propósitos edificantes e exemplares, o relato de Possídio buscava perpetuar uma memória sobre a atuação de Agostinho na condução e resolução de tais conflitos, investigamos a VA considerando, de forma sucinta, com quais grupos o hagiografado teria se defrontado, no contexto do exercício de sua liderança episcopal.

A IDADE MÉDIA COMO TEMPORALIDADE DE ANÁLISE.

Cleiton Batista de Oliveira (Graduando – UERJ)

A partir do século XX, a historiografia passa por grandes transformações, uma delas é o surgimento da Escola dos Annales. Junto deles vem também a proposta do uso de novas fontes, novas metodologias e a busca por uma história total. Atrelado a isso, temos movimentos sociais pós década de 50 que levantarão novos debates. Assim novos temas de pesquisa também surgiram. Este é o caso dos estudos sobre o corpo. Marcado por um caráter interdisciplinar, buscando conexão e diálogo com as ciências sociais e a antropologia, o estudo sobre a história do corpo buscará entender a totalidade do homem. Nesse movimento analítico os objetos serão o homem cotidiano e a materialidade da vida, preenchendo a história de carne e osso.

Portanto, a história do corpo é também a história do controle, do conhecimento sobre, das “técnicas”, das representações, e das manifestações do corpo dentro de uma determinada sociedade. O presente trabalho tem como objetivo debater a historiografia sobre o corpo em especial a sua produção referente ao período medieval, tentando identificar as principais correntes de estudos e as suas principais interpretações que elevam o corpo a uma categoria analítica também para o período medieval.

AS BEGUINAS E A NORMATIZAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA FEMININA: UM ESTUDO COMPARADO DO PROCESSO DE MARGUERITE PORETE (1250-1310) E DOS DECRETOS DO CONCÍLIO DE VIENNE (1311-1312)

Danielle Mendes da Costa (Mestre – UFRJ)

A presente comunicação tem por objetivo expor algumas considerações finais da pesquisa de mestrado concluída em 2019, no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (UFRJ). Tendo por base a categoria gênero de Joan Scott, este estudo possuiu como objeto a análise semântica do termo *beguine* no processo inquisitório de Marguerite Porete e, nos decretos *Cum de quibusdam* e *Ad nostrum*. Deste modo, optei por dividir a apresentação em duas partes. Na primeira, tecerei algumas considerações acerca do *status* das beguinas, e, a relação destas mulheres piedosas laicas com a instituição eclesial no fim do século XIII, e início do XIV. Em seguida, apontarei como as palavras associadas à noção *beguine*, nos documentos analisados, expressam os desdobramentos do processo de normatização da vida religiosa feminina, iniciado no século XII.

“DESERTOU DA MILÍCIA TERRENA E JUNTOU-SE A DIVINA”: UMA ANÁLISE DO PAPEL DO SANTO E DA ARISTOCRACIA EPISCOPAL NA CONJUNTURA SOCIOECONÔMICA DA GÁLIA ROMANA DO SÉCULO V.

Elvis Batista de Souza (Graduando – UFRJ)

A historiografia que visa explorar as relações estabelecidas na Gália do século V busca compreender o episcopado e o esforço eclesiástico em estabelecer-se como principal agente político de seu tempo. Um dos principais aparatos de transmissão ideológica do episcopado do século gaélico do séc. V encontrava-se na produção e veiculação de um dos principais personagens da Idade Média, o santo. Debruçando-nos na sobre as hagiografias e o contexto da época enxergamos que o maravilhoso, exercido por intermédio dos milagres, é o principal elemento comum que tornam os protagonistas das narrativas personagens dignos de santidade. Neste trabalho analisaremos os alguns

dos diversos milagres narrados na *Vita Germani* e exercidos por Germano de Auxerre, principal personagem, bispo, vigário do papa em duas províncias (Gália e Britânia), e *DUX* da Gália.

O documento analisado (*Vita Germani*) foi escrito pelo monge Constâncio de Lyon aproximadamente 40 anos depois da morte de Germano de Auxerre, em na década de 90 do quinto século da era comum. Para tal análise trataremos de episódios específicos que lidam com elementos que surgem em meio a narrativa. A princípio lidaremos com episódios em que o santo lida com (ou faz milagre para) sujeitos mais abastados. E em segundo lugar compararemos com os milagres exercidos para com sujeitos menos abastados.

Assim sendo, buscamos demonstrar nossas primeiras impressões acerca da forma como a hagiografia retrata e valida as relações hierárquias político-religiosas do séc.V por intermédio das atividades exercidas pelo santo, seja por intermédio do milagre, ou da puta negociação.

**A CONSCIÊNCIA CRISTÃ E SEU IDEAL MORAL NA VIDA DE SANTO ANTÃO:
APONTAMENTOS SOBRE AS GRAVURAS DE ALBRECHT DÜRER E JACQUES CALLOT
NA COLEÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL**

Fellipe Eduardo Gonçalves Amorim (Graduando – UERJ)

As imagens cristãs produzidas na Idade Média, conforme escreveu Gregório Magno na virada do século VI para o VII, possuíam o propósito de ensinar, lembrar e comover, catequizando os novos e iletrados fiéis. A justificativa da utilização de tais imagens nos sermões e nas celebrações eucarísticas se deu através de uma aproximação dos temas retratados com os textos santos e as passagens das sagradas escrituras, reforçando os ideais moralizantes transmitidos pelos clérigos aos fiéis.

Assim, a Igreja beneficiou-se dos meios imagéticos para a introjeção do que, segundo Nietzsche, (1887), seriam pensamentos de piedade e culpa gerados através da consciência moral dos pecados e suas consequências, desde o julgamento das almas até o pós-morte. Através de gravuras produzidas entre os séculos XV e XVII, dotadas de temas com propósitos catequéticos e moralizantes, pretendo abordar as especificidades iconográficas e possíveis influências sociais e históricas resultantes em tais escolhas nas obras de Albrecht Dürer (SANTO ANTÃO - O EREMITA) e Jacques Callot (TENTANÇA DE SANTO ANTÔNIO), presentes no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, buscando possíveis reflexos presentes na atualidade.

**O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA HERÁLDICO PORTUGUÊS POR D.
MANUEL I (1495-1521)**

Franklin Maciel Tavares Filho (Doutorando – UFF)

Esta comunicação tem como objetivo abordar a atuação reformista de D. Manuel I no que tange ao Sistema Heráldico Português. Seguindo os passos de seus antecessores, o reinado de D. Manuel I caracterizou-se por uma preocupação sistemática de organizar a legislação e as práticas administrativas e judiciais do reino. No plano administrativo, destaco a preocupação do monarca em assegurar a memória documental dos atos régios antecedentes, circunstância que lhe garante maior fundamento, mandando executar a transcrição e a compilação para novos livros. A publicação das *Ordenações Manuelinas*, a

reforma dos forais, a reforma da justiça e da fazenda são, entre outras, manifestações do critério uniformizador e centralizador do monarca, o qual ganha sua expressão mais qualificada artisticamente, produzindo a chamada *Leitura Nova*.

“BENDITA ÉS TU ENTRE AS MULHERES”: A ORNAMENTALIDADE NA ICONOGRAFIA DA ANUNCIAÇÃO EM TRÊS LIVROS DE HORAS DE “ESTILO PUCELLE”.

Gabriel Alves Pereira (Mestre – UFRJ)

Desde os primórdios da arte cristã, o tema da Anunciação tem uma importância especial. O primeiro exemplo iconográfico conhecido desse episódio da história cristã é o afresco da catacumba de Priscila, datado do início do século IV. A Anunciação é narrada no Evangelho de Lucas na forma de um diálogo, logo, a representação desse episódio acabou sendo facilitada apesar do seu complexo significado teológico. Para essa comunicação, destacamos aqui as imagens da Anunciação presentes em três livros de Horas do século XIV que foram iluminados por Jean Pucelle e seus aprendizes. Os manuscritos são: As Horas de Jeanne de Navarre; As Horas de Jeanne D'Evreaux; e As Horas de Jean de Berry. Jean Pucelle foi um famoso iluminador parisiense do início do século XIV. Seu nome está registrado em um conjunto de documentos parisienses dos anos 1319 e 1334 (ano de sua morte). Pucelle foi mestre de um ateliê de produção livresca em Paris, na França. Portanto, nosso objetivo nessa comunicação é analisar, de forma inicial, a “ornamentalidade” (conceito do historiador da arte Jean-Claude Bonne) na iconografia da Anunciação presente nos três livros de Horas de “estilo Pucelle”, buscando destacar semelhanças, antagonismos, complementariedades etc., e entender o uso dessas imagens e o seu funcionamento dentro desses manuscritos, a fim de compreender, nesse início de pesquisa, o trabalho do famoso iluminador e de seus aprendizes.

OS PRIMEIROS CONTEMPLADOS DO BEM-AVENTURADO FRANCISCO: UMA ANÁLISE DO VIÉS SOCIAL DOS MILAGRES PÓS-MORTE NA VITA PRIMA SANCTI FRANCISCI

Gabriel Braz de Oliveira (Graduando – UFRJ)

Em cerimônia realizada em 16 de julho de 1228, na cidade de Assis, o papa Gregório IX canonizava Francisco de Assis. Na ocasião, além do pontífice, estiveram presentes outros membros dos segmentos secular – cardeais, bispos e sacerdotes –, regular – abades, religiosos e religiosas – e uma multidão de fiéis leigos. Três dias depois, já na cidade de Perúgia, o papa confere ao culto um caráter oficial e universal com a bula *Mira Circa Nos*.

Por ocasião da canonização de Francisco, o frade Tomás de Celano, integrante da ordem dos menores, é escolhido a mando de Gregório IX para a redação de uma biografia do santo que compilasse os principais episódios da sua vida e os milagres que lhe foram atribuídos. O fruto desse processo de compilação das informações requeridas pelo papa resultou na hagiografia *Vita Prima Sancti Francisci*. A obra está dividida em três partes: a primeira narra os principais episódios da vida de Francisco, da sua juventude na casa paterna até os últimos dois anos antes de sua morte; a segunda contempla os episódios ocorridos nos últimos dois anos de vida; e a parte final reúne os momentos posteriores a sua morte, culminando na canonização, e inclui a listagem dos milagres pós-morte. No texto, Celano menciona que os milagres ali contidos foram lidos durante a cerimônia de

canonização.

Com base nessas informações, o objetivo da comunicação é analisar o papel moralizador/pedagógico dos milagres pós-morte de Francisco incluídos na primeira vida de santo dedicada ao frade escrita por Tomás de Celano. Em que locais esses milagres ocorreram? Qual é o perfil dos contemplados? Quem são os grupos sociais representados nos milagres? É possível estabelecer uma relação entre milagres e orientação social?

AS RELAÇÕES DE PODER DURANTE O REINADO DE JOÃO I DA INGLATERRA (1199-1216): CONFLITOS ENTRE A REALEZA, NOBREZA E CLERO.

Gabriel Toneli Rodrigues (Mestrando – UFPR)

O reinado de João I da Inglaterra (1199-1216) foi caracterizado pelos diversos conflitos entre a monarquia, o clero e a nobreza. Em seu reinado reuniu vários adversários no interior da nobreza insular e continental de seus domínios pelo modo autoritário com qual tratava os membros da nobreza, privando-o de importantes aliados nas suas guerras contra Felipe Augusto (1180-1223), que ocasionaria a perda quase total das possessões angevinas no continente. Em relação ao seu relacionamento com o clero, João foi excomungado por Inocêncio III em 1209, um ano depois de um interdito ter sido promulgado sobre o reino inglês. Apenas em 1213 que seria revertido esta situação, com o voto de vassalagem feito por João subordinando os reinos da Inglaterra e Irlanda ao papado. No final de seu reinado, o monarca inglês ainda precisou enfrentar uma rebelião dos barões ingleses, conhecida como Primeira Guerra dos Barões (1215-1217), levando a imposição da assinatura da Magna Carta (1215). Deste modo, nossa intenção com essa comunicação é discutir mais a fundo as relações construídas entre a realeza, nobreza e clero durante o reinado de João I, cruciais para a má caracterização do período em que foi monarca. Nossa apresentação será dividida em três partes: primeiramente contemplaremos o início do reinado de João, marcado pela perda da maior parte das possessões inglesas no continente; em outro momento, abordaremos o início do conflito com o clero a partir de 1205, envolto com a indicação do novo arcebispo da Cantuária; por fim, iremos fazer uma reflexão sobre o fim da monarquia de João, marcada pela guerra contra os barões e a assinatura da Magna Carta.

PREGAÇÃO E PODER ECLESIASTICO NO OCIDENTE: UM OLHAR PARA A CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES CASADAS (SÉC VI)

Gabriela Conceição de Oliveira (Graduanda – UFRJ)

O seguinte trabalho é fruto intermediário de uma pesquisa iniciação científica e que, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Duarte Silva (PEM//UFRJ/PPGHC), é vinculada a um projeto maior intitulado “Exegese e poder episcopal na Primeira Idade Média: as mulheres nos sermões exegéticos de Cesário de Arles (502-543 e.C)”. Nossa pesquisa foi iniciada no ano de 2018, e é produzida no âmbito do Programa de Estudos Medievais (PEM/UFRJ).

De acordo com a historiografia, os sermões medievais foram um dos principais instrumentos de uniformização litúrgica. Na medida em que se ampliava o alcance dessa pregação, muitos representantes da patrística medieval dirigiam suas atenções às mulheres. Assim, destacamos como os principais eixos de nossa pesquisa: a) o papel que a pregação medieval – detentora desde seus primórdios de uma nuance normativa, disciplinar e universal – possuiu no processo de fortalecimento da autoridade clerical,

sobretudo dos bispos e b) sua função no processo de normatização das mulheres, mais especificamente, em sua condição de casadas.

Nessa apresentação, expomos um panorama geral sobre os sermões de caráter exegético de Cesário de Arles – em especial aqueles referentes ao Velho Testamento –, os relacionando com algumas das concepções historiográficas sobre matrimônio e a condição feminina no período da Primeira Idade Média. Além disso, também apresentamos as hipóteses que norteiam nosso projeto monográfico, e que possuem como referência teórica fundamental a *praxiologia* de Pierre Bourdieu.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS MILAGRES NA VITA FRUCTUOSI

Gabriela de Oliveira Medina (Graduanda – UFRJ)

A presente comunicação está vinculada ao projeto de monografia ainda em desenvolvimento no âmbito do PEM-UFRJ, sob a orientação da Professora Doutora Leila Rodrigues da Silva.

Um dos gêneros literários mais populares durante o período medieval, vinculada à expansão do cristianismo, a hagiografia pode ser definida como uma produção escrita que visa à edificação dos fiéis. Nesse sentido, há várias produções hagiográficas, como martirológios, paixões, calendários etc, dentre as quais temos como objeto de análise uma *vita*. Nas *vitae* são narradas as vidas de homens e mulheres considerados santos, por conta de sua conduta exemplar e irrepreensível. Em diversos de seus episódios há momentos em que a profunda ligação entre os santos e o divino se manifesta na forma de milagres.

De autoria desconhecida, a *Vita Fructuosi* foi redigida em meados do século VII, em um contexto de fortalecimento dos poderes da instituição eclesiástica no reino visigodo, e retrata a vida e os milagres do monge, fundador de mosteiros e metropolita de Braga, Frutuoso. Dentre os diversos elementos relacionados a sua santidade, destacamos os milagres realizados pelo santo, que estão, em grande parte, associados à fundação de mosteiros. Neste trabalho, temos como objetivo analisar como esses milagres estão conectados ao contexto social e político do reino visigodo na época em que a obra foi escrita.

A INVASÃO ÁRABE NO MAGREB AFRICANO: APONTAMENTOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS MUÇULMANAS E AS PRIMEIRAS RESISTÊNCIAS BERBERE

Giovanna Ily Farias Ramalho (Graduanda – UFPE)

A presente comunicação tem por objetivo fazer uma breve análise da expansão islâmica no Oeste africano entre os séculos VII e VIII tentando identificar as táticas de guerra utilizada pelo Império Muçulmano e a relação estabelecida entre estes e os povos autóctones da região nesse período.

Até a segunda nomeação do chefe de guerra ‘Ukba ibn Nāfi’, os berberes não pareciam ser um problema e as campanhas árabes partiram tomando portos bizantinos estabelecidos na costa africana até se verem obrigados a invadir o interior do continente onde estavam localizados os poços de água.

A relação com os bárbaros muda após um avanço militar inesperado, que foi considerado pelo historiador Hussai Monés desnecessário visto que o povo berbere não se opunha à islamização. O ataque leva a um movimento de resistência berbere.

Visto os poucos debates acerca da invasão árabe no Magreb na historiografia

brasileira, pretendemos fazer considerações sobre o assunto visando no futuro propor maiores discussões sobre o tema.

A REPRESENTAÇÃO DO CERCO DE LISBOA ATRAVÉS DA CARTA DO CRUZADO INGLÊS

Giuliano Vieira Sant'anna (Graduado – UERJ)

Esta comunicação tem como objetivo analisar os eventos ocorridos durante o Cerco de Lisboa em 1147 através da narrativa contida na Carta do Cruzado Inglês. Também conhecida como *De Expugnatione Lyxbonensi*, este documento narra desde a partida das forças cruzadas do porto de Dartmouth, na Inglaterra, até a conclusão do sítio à cidade de Lisboa e a partilha dos espólios provenientes do cerco. Sendo assim, examinaremos os aspectos militares e o discurso cruzado contido neste documento, bem como as principais estratégias utilizadas pelo rei português Afonso Henriques para convocar os cruzados que em destino para Jerusalém para auxiliá-lo no assédio à Lisboa. Esta apresentação é fruto de um trabalho de conclusão para o Curso de Especialização em História Antiga e Medieval do Núcleo de Estudos Antigos (NEA/UERJ).

PODER E PROPRIEDADE NA *LEX VISIGOTHORUM*: ELEMENTOS DE AFIRMAÇÃO PROPRIETÁRIA E PODER SENHORIAL NAS LEIS VISIGODAS (SÉC. VII)

Guilherme Marinho Nunes (Doutorando – PPGHC-UFRJ)

O presente trabalho tem como objetivo uma análise de elementos de afirmação de direitos proprietários no código legislativo visigótico, a *Lex Visigothorum*. Intentamos com isto chamar atenção para um aspecto fundamental: a disputa pelo direito sobre a terra como uma forma de afirmação política da autoridade dominial na Península Ibérica da época.

A *Lex Visigothorum* é um código legal majoritariamente civil, compilado no século VII a partir de tradições legislativas já estabelecidas, possui características consuetudinárias e personalistas. Devemos notar que a organização e promulgação destas leis decorre diretamente de um momento de tentativa de afirmação do poder monárquico, largamente baseada na interdependência dos membros da camada nobiliárquica. Buscamos nesta comunicação demonstrar o fortalecimento do direito proprietário nas *leges* como um elemento de consolidação dos *domini* no reino visigodo, particularmente a partir do século VII. Nesse sentido há o contínuo desenvolvimento de um poder que é negociado sob aspectos de soberanias continuamente parceladas, subdivididas e sobrepostas. Denota-se, portanto, uma realidade de laços que estão imbricados em um cenário de construção de autoridade nobiliárquica amplamente multifacetada, mas que tem em seu cerne o domínio fundiário.

Em vista a dar suporte à nossa visão de que o processo de afirmação do direito proprietário na sociedade visigótica é delimitado pela sua organização senhorial utilizamos as noções de *condições de realização da propriedade*, de Rosa Congost; e *poder simbólico* e *campo jurídico* de Pierre Bourdieu. Além disso, pretendemos nos basear na historiografia que discute questões conceituais acerca da aristocracia na Primeira Idade Média.

O PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA ANGLO-SAXÃ

Hayanne Porto Grangeiro (Mestranda – UFF)

Os séculos iniciais da Inglaterra Anglo-Saxã remetem a um período com poucos registros documentais disponíveis. E, embora a literatura dos povos germânicos que ocuparam a ilha abarcasse muitos séculos, grande parte deste material foi perdido em meio a conflitos e conquistas. Dentre os registros sobreviventes nota-se a predominância de obras que abordem majoritariamente o universo masculino, mas tal consideração não torna a presença da figura feminina inexistente nas narrativas literárias do período anglo-saxão. Desta forma, sendo o principal objetivo desta comunicação promover a viabilidade de fontes literárias para os estudos de História das Mulheres no período anglo-saxão, serão apresentados poemas e elegias anglo-saxãs que permitem uma nova perspectiva na análise de suas personagens femininas (*Beowulf*) e evidenciem temáticas femininas e apresentem as mulheres como protagonistas de suas narrativas (*The Wife's Lament*, *Judith* e *Elene*).

O CONCEITO DE ORTODOXIA NO MÉDIO MEDIEVO – SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS.

Hiago Maimone da Silva Rebello (Graduando – UFF)

O conceito de ortodoxia é mutável com o tempo, isto é, no sentido de que se confirmam doutrinas ou se condenam propostas teológicas, ou modos de se pregar e aplicar a liturgia – dentro desta perspectiva, com efeito, as mudanças filosóficas, políticas e sociais marcariam debates teológicos durante toda a História do cristianismo e, enfim, deixariam seus vestígios dentro dos povos ocidentais durante a Idade Média.

Doravante, a percepção do que era a ortodoxia da Igreja dependia de uma influência do passado cristão – vinda da Tradição, bem como a dependência das Sagradas Escrituras e do Magistério – que delimitava o norte para a vida cristã, obedecendo a uma dogmática ditacomo infalível. Tal fator gerava a cosmovisão religiosa que, de fato, canalizava a mentalidade e o imaginário medieval, e esta era administrada pela mesma ortodoxia que, por fim, tinha sua manutenção dentro do corpo institucional do clero. Essas características irão colocar a questão da ortodoxia nas tensões mais acirradas entre o poder papal e leigo, onde essa guia do cristianismo e, portanto, da grande parcela da sociedade e suas culturas políticas – gerando a mutabilidade histórica para a definição do que era, ou não, ortodoxo.

O conceito de ortodoxia, portanto, era gerido na constância de uma preservação das doutrinas do passado, mas também necessitava da dinâmica para se impor e se construir durante as querelas teológicas do medieval. Entre a permanência e a mutabilidade, o conceito era mantido.

A MULHER MEDIEVAL E A GUERRA - O CASO DE CHRISTINE DE PISAN

Hiram Alem (Mestre – UERJ)

A presente comunicação tem como objetivo trazer à luz uma autora e obra ainda pouco estudadas na academia brasileira, Christine de Pisan. Nascida no fim do século XIV em Veneza, mudou-se para a corte francesa ainda criança e lá escreveu uma de suas obras

mais conhecidas, "O Livro da Cidade das Damas", no qual reafirma a importância das mulheres na sociedade e constrói seus exemplos a partir de outras mulheres de renome.

Todavia, uma obra igualmente importante e menos discutida é o seu "Livro dos Feitos de Armas e da Cavalaria". Nele, Christine versa sobre como os homens devem proceder na guerra, de estratégias ao comportamento de oficiais. Ademais, para justificar sua escrita sobre um assunto tido como "masculino" – a Guerra –, a autora lança mão de diversas referências clássicas e estratégias retóricas que, ainda assim, não a impedem de ter as menções ao seu nome e gênero omitidas em diversas edições francesas de sua obra.

Entre controvérsias contemporâneas e o julgamento negativo por parte da historiografia do início do século XX, faz-se necessário revisitarmos Christine de Pisan nos tempos atuais à luz de uma nova forma de se pensar a História Militar Medieval.

MANIFESTAÇÕES DA RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE MEDIEVAL NO DISCURSO FÍLMICO: APONTAMENTOS.

Isabela Silva Ribeiro (Graduando – UFRJ)

O cinema frequentemente visita a história na tentativa de reconstituir eventos, representar figuras ou ainda fazer ecoar imaginários que a sociedade contemporânea possui acerca de certo período do passado. Um tema bastante recorrente nos filmes sobre o medievo são aspectos da religiosidade e religião. Nossa comunicação irá apresentar resultados parciais de uma pesquisa que se propõe a levantar e catalogar filmes que representem a vida e paixão de pessoas que foram santificadas e que se fazem presentes na cultura cristã do Rio de Janeiro. O objetivo geral da pesquisa é aproximar o público - escolar, acadêmico ou curioso de forma geral - da vida desses personagens por meio da ficção histórica apresentada nas películas selecionadas. Os objetivos específicos são promover debates acerca dos variados temas relacionados à medievalidade que esses filmes exibem; refletir acerca dos possíveis usos dos recursos audiovisuais para a compreensão da própria história e como influenciam na relação que temos como o passado e, por fim, como se fazem cada vez mais presentes no ensino de história.

AS IMAGENS ASTROLÓGICAS E O REGIME ANALÓGICO NO MEDIEVO.

Jefferson de Albuquerque Mendes (Doutorando – UERJ)

As diversas correntes filosóficas que circulavam no medievo demonstravam a capacidade em engendrar e estabelecer elos que, todavia, auxiliavam na concepção de uma ordem harmônica de mundo. Ordem que pressupunha uma hierarquia realística das coisas, ao mesmo tempo que também pressupõe uma experiência interna do tempo. Ao contrário de uma concepção naturalística que pode ser definida como uma aproximação mais formal e objetiva da dimensão temporal. Nesse contexto, esta comunicação pretende analisar as imagens astrológicas do medievo que carregam em si a temática da temporalidade que entrecruzam e dimensionam a própria ideia de macrocosmo e microcosmo resgatada da antiguidade. Igualmente, a existência de ilustrações que versam sobre a relação homem/mundo, demonstra que a antiga fé na magia – onde se estabelece as correspondências macrocosmo/microcosmo - exercitava um fascínio enorme no século XI. Essas primeiras imagens amalgamam a questão do tempo dentro da dinâmica das correspondências entre céu e terra, tendo o homem a figura por excelência que representa, analogicamente, as instâncias celestes. Assim, no medievo as imagens de

cunho astro-cosmológicas trazem consigo o embate sobre as analogias do mundo, tendo como escopo a própria temporalidade das coisas. O surgimento de diagramas cósmicos que conjugam elementos astrológicos, dimensões de tempo e espaço, com toda prerrogativa cristã será uma tônica iconográfica bastante utilizada durante os séculos XI, XII e XIII. Essas imagens condensam uma complexa relação entre teorias cosmológicas e teológicas, no intuito de evidenciar uma correspondência entre a natureza e o homem, de um lado, e uma interdependência do espiritual, do outro.

[RE]CONSTRUINDO E [RE]VIVENDO A IDADE MÉDIA: FRAGMENTOS ETNOGRÁFICOS DE UMA EXPERIÊNCIA NO MEDIEVALISMO CONTEMPORÂNEO

João Batista da Silva Porto Junior (Doutorando – UFF)

Em fins de 2018 e início de 2019, o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) da Universidade Federal Fluminense (UFF), por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), possibilitou vivenciar um conjunto sítios europeus destinados a reconstruir/recrutar – por intermédio da arqueologia experimental – a grandiosa arquitetura da Idade Média. A pesquisa se estendeu de “*Guédelon Château Fort*” na Borgonha francesa, passando por “*Campus Galli - Karolingische Klosterstadt*” em Meßkirch, na Alemanha, até “*Burgbau Friesach*” no Estado da Caríntia na Áustria. Foram meses de imersão no medievalismo contemporâneo, experimentando as técnicas construtivas do passado. “*Guédelon Château Fort*” refere-se a um ambicioso projeto de construção de um castelo do século XIII, ao estilo de Filipe II Augusto, em andamento desde 1998. “*Campus Galli - Karolingische Klosterstadt*” é uma experiência arqueológica recém-iniciada – aberto ao público em 2013 – para edificar um complexo monasterial da ordem beneditina, inspirado na famosa planimetria de *Saint Gall*, originalmente datada do início do século IX, aproximadamente 820–830. Por fim, “*Burgbau Friesach*”, trata-se da produção de um castelo de colina do século XIII, iniciado em 2009, com o objetivo de descobrir os meios e as técnicas medievais que possibilitaram realizações arquitetônicas tão complexas, como as grandiosas fortificações de pedra elevadas nas vertentes. A presente comunicação é uma tentativa de transcrever os fragmentos cotidianos e as memórias dessa experiência etnográfica, enquanto trabalhava [re]construindo o medievo com métodos arqueológicos.

“A LEI INVOCA CRISTO!”: ANTI-JUDAÍSMO E EXEGESE NOS *SERMONES DE SCRIPTURA* DE CESÁRIO DE ARLES (502-542)

João Victor Machado da Silva (Graduando – UFRJ)

Ao longo das últimas décadas, Cesário de Arles (502-542) recebeu considerável atenção do meio historiográfico, tendo seus escritos sido objeto de análise de obras monumentais, como a de William E. Klingshirn, e também de esforços editoriais mais recentes, como as publicações organizadas pela associação Aux Sources de la Provence e pela Sources Chrétiennes.

A amplo corpus documental de Cesário e sua posição de destaque no cenário político-ecclesial do sul da Gália colaboraram para que o bispo de Arles se tornasse um “mainstream historiográfico”, tal como apontou Lisa Bailey. Contudo, algumas temáticas e parcelas de sua obra permaneceram pouco exploradas: de um lado, seu antijudaísmo

não foi alvo de estudos mais aprofundados; de outro, seus sermões exegéticos (sc. 81-186) permaneceram marginalizados. Nosso trabalho de pesquisa busca avançar nesse front, examinando como a interpretação de textos bíblicos e a pregação antijudaica se relacionaram com o projeto de poder de Cesário.

Nesta apresentação discorreremos sobre os resultados de nossa pesquisa monográfica, concluída recentemente. Tendo por base contribuições da sociologia da religião e da marginalização, objetivamos analisar a caracterização dos judeus na pregação de Cesário e, tendo em mente o papel destacado de seus Sermões de Scriptura, discutir a forma como o bispo buscava situá-la em meio à comunidade cristã.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DATAÇÃO DA CRÔNICA DOS GODOS: NOVOS OLHARES

Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira (Doutorando – UFRJ)

Nossa proposta tem por objetivo revisitar um texto nosso escrito e publicado no ano de 2014 (História e historiografia: a Crônica dos Godos e sua problemática de datação) - o qual se inscreveu em um debate sobre datação e buscou defender a *Chronica Gottorvm* como sendo o texto mais remoto face a *Brevis Historia Gottorvm* -, com o fim de corroborar ou refutar os dados antes apresentados, considerando para tal os levantamentos e novas reflexões provenientes de uma análise mais atualizada. Escrita por um integrante do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, em data que defendemos ser entre os séculos XII e XIII, a obra narra, sob a luz do panegírico, os feitos militares de Afonso I de Portugal no Ocidente Ibérico peninsular. Considerando que a narrativa possui duas versões: uma breve (*Brevis Historia Gottorvm*) e outra longa (*Chronica Gottorvm*), o debate entre os pesquisadores se desenvolve na busca em estabelecer qual dos escritos seria o mais remoto, tendo servido de referencial ao outro. Nosso exercício reflexivo parte, justamente, de tal questão, almejando contribuir com os resultados já alcançados e difundidos pelos estudiosos. Tomando por base o já adiantado debate bibliográfico, paralelo a uma cuidadosa análise da estrutura literária da obra, intentamos revisar o artigo de 2014 sob a perspectiva de novos olhares. Aprofundando questões literárias antes pouco exploradas e apresentando novas percepções, o intuito é o de reparar possíveis problemas interpretativos e tornar mais robustas as considerações sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MILAGRES NA VITA SANCTI RADEGUNDIS

Juliana Prata da Costa (Doutoranda – UFRJ)

Este trabalho tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as referências acerca dos milagres na hagiografia dedicada a Radegunda, produzida pelo bispo Venâncio Fortunato, na Gália merovíngia, no final do século VI. Na vida, o hagiógrafo, descreve pormenorizadamente a trajetória da protagonista. Nos trinta e nove capítulos, o poeta e bispo de Poitiers, menciona a vinculação familiar, passagens sobre a juventude da santa, a anexação de sua região de nascimento pelos francos e sua ida para a corte, onde foi educada, e o posterior casamento com Clotário. O autor ressalta ainda o desafio ascético que teria sido colocado em prática por ela, antes e depois de seu ingresso na vida religiosa, em passagens que contemplam o jejum rigoroso, as privações e mortificações corporais, além do regime de castidade, ao qual ela se submetia. Outro aspecto fundamental que nos chamou atenção no texto hagiográfico dedicado à santa são os milagres atribuídos a ela.

Desta forma, propomos-nos a discutir aqui os atos miraculosos identificados na *vita* e a relação destes elementos com a trajetória de santidade das mulheres naquela conjuntura.

AS MODALIDADES DE CRISTIANIZAÇÃO NA *VITA ANTONINI* (SÉCULO VII)

Juliana Salgado Raffaeli (Doutora – PEM-UFRJ)

A hagiografia do eremita Antonino de Sorrento, conhecida como *Vita Antonini*, narra a trajetória do monge beneditino que decide viver seu ascetismo em isolamento, movimento e cristianização. Durante esse período, divide o protagonismo da obra com outro aspirante a eremita, o bispo Catelo. A presença de ambos nas montanhas de Castellammare di Stabia promove, dentre outros desdobramentos, a atração de fiéis, a construção de edifícios religiosos e uma rotina de pregação para a comunidade próxima.

A partir do exame da *Vita Antonini*, de autoria desconhecida, nosso trabalho tem por objetivo apresentar uma categorização das modalidades de promoção religiosa atribuídas aos personagens. Nesse sentido, buscamos relacionar os papéis desempenhados pelos monges eremitas ao processo de cristianização da Península Itálica, nos séculos VI e VII.

Ressaltamos que o presente trabalho se vincula à pesquisa de doutorado recém-finalizada, sob o título “O 'monacato em movimento' nos reinos romano-germânicos (séculos VI e VII): um estudo comparado das hagiografias de Antonino de Sorrento (555-625), Amando de Maastricht (584-679) e Valério de Bierzo (630-695)”, desenvolvida com apoio da CAPES e sob orientação da Profa. Dra. Leila Rodrigues da Silva.

***VITA SACTI AEMILIANI*: UMA ABORDAGEM PRELIMINAR ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE PELO BISPO BRÁULIO DE SARAGOÇA (SÉC. VII)**

Juliana Spohr (Mestranda – UFRJ)

A hagiografia que analisaremos nesta comunicação está inserida em um período de necessidade de reestruturação das instituições eclesiásticas em Hispânia durante os séculos VI e VII. O Cristianismo precisou adaptar-se à nova realidade da Península desde a entrada dos povos bárbaros logo em princípios do século V. Este cenário causou importantes preocupações às autoridades religiosas, com destaque a atividade episcopal, no tocante à perda de suas estruturas institucionais e também de seus fiéis. Vimos, portanto, um movimento crescente de iniciativas vindas destas autoridades clericais que visavam o fortalecimento e a ampliação da fé cristã. Estas foram responsáveis, dentre outras ações, pela produção de um material vasto, que expressaram a constante necessidade de evidenciar as questões que os circundavam, sendo, portanto, importantes documentos que nos ajudam a compreender a dinâmica social do período. Dentre essas iniciativas, nos interessará em particular, a hagiografia.

A *Vita Sancti Aemiliani* foi escrita pelo destacado Bráulio, bispo de Saragoça. Redigida em torno de 640, está dividida em trinta e duas partes, sendo um prefácio e trinta e um capítulos. A obra nos apresenta a trajetória de Emiliano, homem santo, que teria vivido entre os anos de 473 e 574. Objetivaremos analisar as especificidades apresentadas pela narrativa que nos farão compreender não apenas os aspectos mais amplos da necessidade de afirmação e ampliação da fé cristã, mas também, a vinculação direta com o seu entorno mais próximo.

SANTA CLARA DE ASSIS (1193-1253) E A REGRA DAS IRMÃS CLARISSAS POBRES: A SINGULARIDADE DA FORMA DE VIDA CLARIANA.

Karine Goulart de Almeida (Graduanda – UERJ-FFP)

Durante os séculos XII/XIII é possível notar o nascimento de uma renovação espiritual e o rompimento com diversos costumes eclesiásticos. Essa inovação é particularmente representada pela ordem franciscana que vai instaurar um novo carisma calcado nos ideais de pobreza, castidade e obediência.

Clara de Assis, responsável por promover os primeiros passos juntamente com Francisco de Assis (1182–1226) para o estabelecimento da ordem através do privilégio da Altíssima Pobreza é a fundadora da Segunda Ordem Franciscana.

Através dos escritos de Clara (cartas, regra, testamento e bênção) podemos notar a singularidade de seu pensamento, assim como a personalidade forte, o caráter maternal e formador. A preocupação de Clara com o ideal da Ordem e com a segurança de suas filhas fez com que fosse a primeira mulher a escrever uma regra.

Há mais de 800 anos e com mais de 20.000 mulheres espalhadas pelo mundo as Clarissas continuam a viver e a divulgar o carisma clariano.

Portanto através da antropologia histórica podemos refletir sobre a forma de vida que Clara perpetuou, o encontro com o divino e com as outras mulheres, a quem chamava de filhas, observando possibilidades para um melhor entendimento da dinâmica espiritual do século XIII.

O QUE DEUS UNIU A ARROGÂNCIA PODE SEPARAR? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O “GRANDE CISMA” DE 1054

Leandro César Santana Neves (Doutorando – PPGHIS-UFRJ)

A troca de acusações e subsequente mútua excomunhão entre o Patriarca Miguel Cerulário de Constantinopla (1043 – 1059) e o cardeal latino Humberto de Silva Cândida em 1054, vulgarmente conhecida pela historiografia e teologia como “Grande Cisma” ou “Cisma entre Oriente e Ocidente”, consiste em um tema bastante pesquisado pela academia internacional por sua importância geral, todavia negligenciado pela produção brasileira. Isto é evidenciado pelos próprios manuais de História da Igreja ou História Medieval disponíveis em língua portuguesa ou trabalhos que precisam tocar no assunto, sejam eles de procedência laica ou não, demonstrando uma perspectiva tendenciosa e às vezes preconceituosa herdada de visões confessionais. Esta apresentação então, fruto de um tópico do segundo capítulo de nossa tese, visa expor ao público lusófono um resumo do acontecimento com base tanto na documentação escrita pelos atores principais e coadjuvantes do “Cisma”, sobretudo as cartas de excomunhão de Miguel Cerulário e Humberto de Silva Cândida, quanto em uma produção acadêmica relativamente renovada que busca pensar o acontecimento em seu âmbito político, social e intelectual, contribuindo assim para um subsídio caso alguém queira se aprofundar sobre o tema para pesquisa ou ensino.

O MOURO COMO INIMIGO: O DISCURSO CRUZADO NA CONQUISTA DE LISBOA EM 1147

Leandro Ribeiro Brito (Graduado – UFF)

O presente trabalho tem como objetivo compreender o discurso cruzado na conquista de Lisboa em 1147. A construção do inimigo através do discurso está pautada na lógica da Guerra Santa, na perspectiva do grupo de cruzados que auxilia o futuro Rei de Portugal, Afonso Henriques, durante o cerco de Lisboa. A caracterização citada possui relação com métodos discursivos focados na detração do outro como grupo social e, em certos momentos, justificando a prática do homicídio como uma forma de se fazer a vontade de Deus.

O reino de Afonso Henriques encontra legitimidade não só no aspecto político, mas dentro do contexto cristão. O mesmo utiliza a expansão do Cristianismo como uma das justificativas ao cerco de Lisboa frente a quem era visto como infiel. A luta contra os mouros fazia parte do projeto político de Afonso Henriques. Projeto este que previa a aproximação com Roma como um método de ter o reconhecimento papal.

Dentro do que foi dito, nossa metodologia estará inserida na análise discursiva e a partir desta análise compreender como determinado discurso se encontra presente numa visão cristã no que se refere às convicções próprias. Ao utilizarmos os métodos de estudo citados compreenderemos que o discurso tem ligação com a conjuntura que o engendra. Empreender tal metodologia significa buscar o entendimento e explicação de como se constroi o sentido do texto e como este texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo linguístico e histórico. Entendê-lo requer a análise destes dois elementos simultaneamente.

EPISCOPADO ALTO-MEDIEVAL E HISTÓRIA DAS MULHERES (SÉCULO VI): CONSIDERAÇÕES SOBRE A EPÍSTOLA À GREGÓRIA, DE GREGÓRIO MAGNO

Letícia Alves Jordão (Graduanda – UFRJ)

Nos termos da História das Mulheres e pesquisas correlatas, desde a Antiguidade a sociedade ocidental é marcada pela dominação do masculino sobre o feminino. No entanto, o surgimento e a expansão do cristianismo possibilitaram uma outra alternativa às mulheres.

Sabidamente, a partir do século IV, o cristianismo passa a se aproximar e integrar os quadros imperiais. Na tentativa de universalizar a doutrina cristã e também de se adaptar à cultura romana, antiga e pagã, foram realizados diversos concílios. Em alguns deles, o posicionamento feminino passa a ser revisto pelos líderes da Igreja. Assim, por volta dos séculos IV e V, modelos femininos são elaborados e impostos às mulheres pelos clérigos cristãos. O episcopado em constituição, então, contribui para a consolidação, por meio de justificação teológica, da inferioridade social feminina.

Elaborado sob orientação do Professor Doutor Paulo Duarte Silva e em estágio inicial, o presente trabalho busca analisar, em linhas gerais, a participação feminina no contexto da transição da Antiguidade ao Medieval. Para tal fim, examinamos uma epístola do bispo Gregório Magno à Gregoria (LIVRO VII, EP. 25), na qual se fundem três mulheres, provenientes de passagens bíblicas, na figura de Maria Madalena.

O GÊNERO CRONÍSTICO E AS GESTA DE ADAM DE BREMEN (SÉC. XI): A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS AO NORTE EUROPEU.

Lucas Fernandes Falsett (Graduando – UFRJ)

Nossa pesquisa toma como objeto o relato de Adam, cronista da diocese de Hamburgo-Bremen, ao norte da atual Alemanha, a partir do ano de 1066. Entre os anos 1072-1075 Adam de Bremen produziu a crônica intitulada *Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum* (GH). O gênero específico da obra é o da chamada gesta episcoparum, característico por apresentar histórias de bispos de uma determinada localidade.

Para além deste caráter descritivo da obra que pretende registrar a história não antes documentada de três séculos da diocese, podemos também perceber na escrita do autor motivações para compor uma das estratégias missionárias direcionada à península escandinava e ao norte europeu. A cristianização, processo plural, multifacetado e complexo, conforme se tem pensando a historiografia dos últimos anos, deve ser entendida como uma questão incessante e corrente ao momento que Adam escreve, e não só como uma preocupação dos eclesiásticos do norte séculos antes do cronista.

Nesse sentido, cabe também analisar como temas próximos à escrita do autor se relacionam com a obra produzida. Assim, chamamos atenção para o gênero cronístico medieval: este se desenvolve nos séculos IV-VI, quando os primeiros historiadores cristãos tomaram para si a tarefa de escrever grandes relatos para explicar não só a criação do mundo e a fé cristã, como também para registrar a história de reinos, dioceses, regiões, entre outros temas de seus interesses. A nosso ver, é possível estabelecer uma relação, sobretudo de continuidades, entre a obra analisada, o cronista e um costume narrativo que perdura entre os séculos que separam Adam de Bremen destes historiadores da Primeira Idade Média.

VIOLÊNCIA E SANTIDADE NA ANTIGUIDADE TARDIA: UMA ANÁLISE DE CONFLITOS VIOLENTOS NAS HAGIOGRAFIAS MONÁSTICAS DO SÉCULO V

Lucas Moreira Calvo (Mestre – UFRJ)

Essa comunicação é um desdobramento da nossa pesquisa de mestrado, orientada pelo Prof. Dr. Paulo Duarte Silva. Dessa vez, nos debruçamos sobre o tema da violência, classificando seus tipos e contextos no discurso hagiográfico tardo-antigo, especialmente duas hagiografias monásticas do século V: a *Vida de Hipácio*, de Calínico, e a *Vida de Shenoute*, de Besa.

Na década de 1970, Peter Brown iniciou sua reflexão sobre a noção de homem santo a partir da análise da vida monástica tardo-antiga, tomando como uma de suas principais fontes a obra *História Religiosa*, de Teodoreto de Ciro. Entre debates e revisões, essa noção se tornou popular entre os historiadores e ponto relevante no debate sobre a santidade na Antiguidade Tardia. Costuma-se enfatizar como componentes dessa figura cristã: o poder recebido de Deus, a autoridade proveniente de seu modo de vida, a liberdade de fala e os seus dons milagrosos. Contudo, uma outra característica parece emergir das hagiografias: a interrelação entre conflito, violência e santidade, na medida em que o santo também se define pela luta contra as forças demoníacas, e a violência, seja retórica ou não, cumpre papel central nessa narrativa.

Assim, nos propomos a refletir sobre a violência como um dos atributos do santo cristão tardo-antigo, destacando sua variabilidade e seus contextos nas narrativas hagiográficas monásticas do século V.

FAZENDO HISTÓRIA NA IDADE MÉDIA: DISCURSO E NARRATIVIDADE NAS CRÔNICAS INGLESA (SÉCULOS IX AO XII)

Lucas Rodrigues (Mestrando – UFF)

A escrita “historiográfica” medieval (isto é, aquelas obras que pretendem relatar de forma “verídica” fatos do passado) é geralmente dividida em duas categorias: a dos anais e a das crônicas. Enquanto nos primeiros o caráter narrativo é praticamente nulo, as crônicas parecem, segundo Hayden White, aspirar à narratividade. Ambos ordenam cronologicamente os eventos, apresentando-os ano após ano; mas enquanto nos anais estes eventos vêm na forma de uma espécie de lista, nas crônicas os autores adicionam elementos narrativos aos fatos relatados, ainda que, segundo White, não consistam em formas narrativas completas.

Meu objetivo na presente comunicação será discutir alguns aspectos das crônicas referentes à esta questão da narrativa e à questão do discurso presente nas mesmas. Para tal, escolhi falar de seis crônicas produzidas entre os séculos IX e XII na Inglaterra, que usarei como fontes em minha pesquisa de mestrado. Pretendo abordar questões relativas à função social das crônicas, seu lugar e contexto de produção, procurando identificar aspectos do discurso presente nas mesmas, no que tange sua forma, seus objetivos, seus emissores e receptores, em acordo com a metodologia escolhida para minha pesquisa, i.e. a da Análise do Discurso.

CULTURA POLÍTICA E IDENTIDADE: CATEGORIAS DE ANÁLISE POSSÍVEIS PARA A IDADE MÉDIA? AS CRÔNICAS BRITÂNICAS EM PERSPECTIVA (SÉCULOS VI-IX)

Luciana Araújo de Souza (Mestranda – PPGHC-UFRJ)

A compreensão dos fenômenos históricos que ocorreram durante a Idade Média envolve, sabidamente, uma espécie de duplo desafio: a distância temporal, proposta pelo próprio passar do tempo e a dificuldade de acesso à tal temporalidade, devido a termos apenas fragmentos da mesma. Dessa forma, assim como para o estudo dos demais períodos históricos, o historiador faz uso de chaves de análise, que o possibilitam adentrar em perspectivas que, por sua vez, podem lhe permitir estabelecer suas conclusões acerca de um objeto.

Assim, ao discutirmos os processos associados à Migração dos Povos ou *Völkerwanderung* encontramos entraves interessantes: por um lado, as discussões acerca de uma imaginada pureza étnica; por outro, a dificuldade do trato documental, uma vez que tais grupos não deixaram documentações – ou o fizeram tardiamente – relatando suas andanças. Os estudos acerca de tal processo, então, vem se debruçando cada vez mais sobre as crônicas alto medievais para possibilitar a análise de tal processo, então, partindo de tal premissa, elencamos para uma discussão a instrumentalização das chaves interpretativas da *cultura política* e da *identidade* como possibilidade de análise de processos de tal período, utilizando, para tanto a breve problematização de duas documentações: *A destruição britânica e sua conquista*, do monge Gildas (século VI); e a *História dos Bretões*, do monge Nennius (século IX).

O intuito de tal comunicação é estabelecer a forma como a dialética entre cultura política e identidade pode possibilitar a interpretação de documentações do período quando utilizadas para a reflexão acerca do “cristianismo” como sistema de poder. Dessa forma, analisamos as possíveis conexões para o uso de tais chaves como perspectiva interpretativa para a Idade Média.

AS REPRESENTAÇÕES DE CARLOS MAGNO E ALFREDO, O GRANDE POR MEIO DA INSERÇÃO DE ELEMENTOS VETEROTESTAMENTÁRIOS (SÉCULOS VIII-IX)

Luís Felipe da Silva Rodrigues (Graduado – Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro)

A Alta Idade Média foi um período influenciado pelo Antigo Testamento. Desse modo, o desenvolvimento do presente trabalho ocorreu por meio da análise comparativa das representações de Carlos Magno e Alfredo, o Grande acerca da inserção de elementos veterotestamentários. No contexto dos séculos VIII e IX, as respectivas imagens régias foram representadas com o objetivo de promover a unificação política em cada caso, bem como aos seus sucessores.

Portanto, por meio da representação, a imagem régia foi utilizada como um instrumento de legitimação através da relação e inserção de elementos do Antigo Testamento, cuja religiosidade influenciou as mentalidades durante a Alta Idade Média. Por conseguinte, o presente trabalho pretende demonstrar, por meio da análise comparativa, a influência das políticas carolíngias no empreendimento alfrediano, bem como acerca da inserção de elementos veterotestamentários.

O OLHAR SOBRE URRACA I (1081-1127) DENTRO DOS ANSEIOS DE UMA ÉPOCA

Luísa Vilas Boas dos Santos (Graduanda – UFS)

A historiografia é construída através da ótica contemporânea do historiador e assim é rescrita, modificada de tempos em tempos, influenciada politicamente. Essa disputa de memórias é presente na historiografia ibérica como em qualquer outra escola historiográfica. Pesa-se, também, o comportamento e vinculação regional de quem se aventura por enfrentar paisagens cujas cores se modificam ao olhar de cada nova geração de historiadores. Desta forma, os escritos sobre a rainha Urraca I (1081-1127) não poderiam ser diferentes. Negligenciada por muito tempo, a trajetória da rainha vem sendo recontada desde o final do século XX através de uma perspectiva que engloba a história das mulheres e de gênero, além da história política, ou seja, novos olhares sobre a trajetória de uma personagem tão antiga. A presente comunicação tem como objetivo observar as diversas fases da historiografia *urraquiana* e analisar mais especificamente o que vem sendo produzido, e inventariado por nós, de 2008 a 2018 tanto na Espanha como no Brasil, a fim de comparar as novas visões sobre a rainha.

ATÉ O PRIMEIRO SANGUE: O RITUAL DO HÓLMGANGA

Lukas Paz de Barros Lima (Graduado – GEHM/CEIA-UFF)

Apesar de serem constantemente representados como bárbaros primitivos e alucinados, os escandinavos do Alto Medievo eram possuidores de práticas e concepções sofisticadas que, propositalmente ou não, fugiram das crônicas e comentários dos responsáveis por construir sua imagem, assim como de muitas produções posteriores. Um desses elementos complexos, além da própria sociedade, é a prática do Hólmganga, uma modalidade de combate ritualizado com espaço, integrantes e regras bem definidas, assim como todo um papel social que colaborava para com o equilíbrio, mobilidade e glorificação dessa sociedade caracteristicamente militarizada.

Esta apresentação tem o objetivo de expor por meio das sagas islandesas – principalmente a Kormáks Saga – as principais características do Hólmganga, seus usos e problemas sociais, assim como seu banimento nas primeiras décadas do ano 1000 d.C.

OS MODELOS REAIS PRESENTES NOS LIVROS IV, V E VI DA *HISTORIA LANGOBARDORUM*, DE PAULO O DIÁCONO

Marcelo Roberto da Silva (Graduado – UFRJ)

Escrita por Paulo, o Diácono, nas décadas finais do século VIII, a *Historia Langobardorum* é a maior e mais importante obra deste autor, e uma das mais relevantes do período em questão. Possui como um dos seus principais eixos a realeza lombarda e suas interações com a Igreja, os reinos vizinhos, Bizâncio e poderes locais internos ao reino, relacionando assim os acontecimentos da península itálica a um contexto mais amplo.

A partir da caracterização dos monarcas lombardos e de seus respectivos reinados, o texto nos oferece uma oportunidade de refletir a respeito de como Paulo criou modelos reais, tanto positivos quanto negativos. A partir de então, é possível observar como o autor se utilizou destes modelos para, entre outras coisas, fornecer suas impressões sobre a configuração política de sua época.

Nesta apresentação, cujo tema é parte da construção de meu projeto visando o mestrado, apresentarei alguns elementos encontrados na *Historia Langobardorum* no que se refere à construção da imagem dos principais reis lombardos descritos nos livros IV, V e VI, ou seja, nos capítulos finais da obra.

O ADELANTADO MAYOR DE LA FRONTERA NA CRÓNICA DE ALFONSO X

Marcio Felipe Almeida da Silva (Doutor – UFF)

Segundo os relatos contidos na Crónica de Alfonso X, o rei Sábio aproveitou o relativo estado de paz que gozava o reino de Castela e partiu de Toledo, em março de 1275, para dar continuidade aos seus planos de assumir o trono do império germânico. Nesta ocasião, Afonso X entregou o comando de Castela ao seu primogênito, o infante dom Fernando, e deixou Nuño González na fronteira exercendo a função de adelantado mayor. O pouco que sabemos sobre dom Nuño González de Lara é que ele descendia de uma das famílias mais poderosas de Castela e mesmo sendo herdeiro de Gonzalo Nuñez, um dos nobres que havia se rebelado contra Fernando III em 1217, contou com a proteção de Afonso X durante os anos em que ocupou a posição de infante. Na Crónica de Alfonso X, Nuño González foi mencionado diversas vezes antes de sua nomeação como adelantado mayor, e, embora sempre apareça entre os nobres privilegiados do reino, o documento não conferiu a ele qualquer ofício ou atribuição importante na corte castelhana. Como grande parte da alta nobreza castelhana no século XIII, dom Nuño também esteve à frente de movimentos que contestaram a autoridade real e por um curto período de tempo esteve refugiado entre os muçulmanos no reino de Granada.

Sabemos que somente os livros e a série não se sustentam como ideia para sequência de estudos, mas usaremos a influência destas crônicas em auxílio na percepção de tradições estabelecidas, propostas e discussões impregnadas nestas áreas de atuação. Usando o conjunto da obra “A História Secreta”, de Procópio de Cesareia e “As Crônicas de Gelo e Fogo” de George R.R. Martin, para comparações e relações dinâmicas, esse trabalho, que está em seu início, visa discutir a aproximação observada pela visão de senso comum do público e a seguir uma análise para além desta visão, com base no discurso do medievo, não para construir uma relação direta ou defender que o autor contemporâneo leu ou foi influenciado pelo medieval, mas sim na busca que estas comparações iluminem perspectivas de análise de observação de nosso objeto de pesquisa.

AFRESCOS DO BEM COMUM DE AMBROGIO LORENZETTI: UMA REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE UMA SOCIEDADE POLÍTICA-UTÓPICA NA COMUNA DE SIENA.

Marcos Venicius Gonçalves de Farias (Graduando – UERJ)

O presente trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações sobre os afrescos ditos alegorias do Bem Comum do Palazzo Comunale de Siena. Pintados por Ambrogio Lorenzetti na primeira metade do século XIV. Iremos discutir sobre a utopia política descrita na iconografia dos Afrescos da Comuna de Siena. Será visto nos afrescos uma forma de alienação descrita para aquela sociedade de Siena.

Nos afrescos nos deparamos com a representação de sete virtudes, sendo quatro cardeais: a Prudência, a Temperança, a Justiça e Fortaleça. E três virtudes teologais, a Fé, a Esperança e a Caridade. Além dessas virtudes que eram bastante conhecidas naquela época foram acrescentadas para acompanhar o Bem Comum a Paz e a Magnanimidade. Lembrando que Siena era governada por um conselho de nove cidadãos, denominada como *Os Nove Governadores e Defensores da Comunidade e do Povo*. Sendo uma instituição “popular” não tão democrática como se pensava ser. Mas representava a autoridade soberana da república sienense. Passando para aqueles que contemplavam os afrescos uma forma de vida harmônica e comprometida nos afazeres da vida cotidiana, sem fome, sem pestes e sem qualquer tipo de rebeliões.

Como já sabemos, a palavra “*Utopia*” foi criada em 1516 pelo inglês Thomas More como uma crítica à sociedade inglesa de sua época. Mas, veremos através do estudo dos afrescos que o desenvolvimento utópico de uma sociedade foi bem antes mesmo do termo ter sido dito por ele. Sendo assim algo fundamental para entendermos o nosso atual momento político que nos assola.

CONEXÕES ENTRE ROMA E TOMAR: A LIGAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO DE INOCÊNCIO III (1198-1216) PARA PORTUGAL E SUA LIGAÇÃO COM A ORDEM DO TEMPLO.

Marcus Vinícius de Souza (Mestrando – UFRJ)

O papa Inocêncio III e a Ordem do Templo tiveram ligações ao longo de todo seu pontificado. Porém no Reino de Portugal esta relação se mostrou diferente das demais. O alcance do papado na região não era efetivo e muitas dioceses tornaram-se independentes a medida em que passaram por um longo período de disputas territoriais e religiosas nos anos antecessores. Esses fatores dificultavam a política eclesiástica de Roma a entrar na parte portuguesa da Península Ibérica. Os templários foram utilizados nestas mesmas localidades como forma de proteção contra os muçulmanos e já haviam se instalado, porém sua estruturação e atividade foram modificadas com a chegada de Inocêncio III ao trono pontifício. O intuito do trabalho é demonstrar como e porque as políticas do papa para Portugal utilizavam a Ordem do templo.

A OUTRA FACE DO DIABO: A PERSONIFICAÇÃO CÔMICA DE SATANÁS COMO UM ESCAPISMO AOS MALES SOCIAIS NO MEDIEVO OCIDENTAL.

Maria Eduarda Franco Gallo (Graduanda – UNIPAMPA-Campus Jaguarão)

O presente resumo tem como finalidade apresentar os aspectos iniciais do trabalho de pesquisa acerca das artes populares no medievo, especificamente o teatro, que vem sendo desenvolvida na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) através do

Laboratório de Pesquisa e Estudo em História Medieval (LAPEHME). Considerando a longa e conturbada relação entre a Igreja e o riso, a presente exposição tem como objetivo abordar as mudanças ocorridas nessa relação e como a aceitação do riso, por parte da Igreja, se converte em uma forma de escape aos males sociais no medievo. O foco está em como peças teatrais, que tratam de assuntos cotidianos, utilizam a representação do Diabo de forma cômica, sátira e burlesca, atingindo o grande público e fazendo com que este fugisse, momentaneamente, das angústias e medos através do riso.

DISCUSSÕES SOBRE A FILIAÇÃO ARTÍSTICA DO MANUSCRITO 50,1,016 DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Maria Izabel Escano Duarte de Souza (Doutoranda – PPGHS-USP)

Há na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um livro de horas registrado com o número 50,1,016 que permanece inédito como fonte para o estudo da História e da História da Arte. Apesar de ter sido rapidamente analisado por François Avril em um artigo intitulado “O acervo de livros de horas iluminados da Biblioteca Nacional do Brasil”, publicado em 2016 no livro “Catálogo dos livros de horas da Biblioteca Nacional do Brasil”, feito por Vera Faillace, o manuscrito 50,1,016 ainda carece de estudos que possam comprovar sua datação, proveniência e principalmente filiação artística.

Assim, é objetivo desta comunicação apresentar o livro de horas 50,1,016 e as questões relativas à sua filiação artística, comparando os elementos estruturais deste códice com outros livros de horas atribuídos ao Mestre de Coetivy, artista sugerido por François Avril como possível iluminador do manuscrito. Esta comunicação é um recorte de nossa pesquisa de doutorado em andamento.

CULTURA POPULAR, PAGANISMO E SUPERSTIÇÃO: CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A ALTA IDADE MÉDIA (SÉCULOS VI-VIII)

Maria Júlia Dutra Rabelo (Graduada – UFRJ)

A comunicação a seguir tem como principal objetivo fazer um balanço dos termos “Cultura popular”, “paganismo” e “superstição” no âmbito das pesquisas historiográficas relacionadas à expansão do cristianismo na Alta Idade Média. Tais termos são usados principalmente quando falamos do combate eclesiástico às práticas consideradas pagãs, em meio a tentativa de conversão aos povos de parte do continente.

Ao analisarmos as fontes referentes às citadas campanhas de “cristianização” alto-medievais, observamos que estes termos são constantemente utilizados pelas autoridades eclesiásticas. Apesar de haver uma linha tênue entre seus usos e significados, através da análise documental e historiográfica concluímos que são usados em diferentes momentos e para diferentes finalidades. Quando tratamos de superstição e paganismo, estamos nos referindo a uma “cultura popular” que, consoante Chartier, foi uma designação cunhada pela Igreja com o objetivo de diferenciar o seu conhecimento, designado como erudito daquele dos camponeses “supersticiosos”, oriundos de uma crença pagã.

Estudiosos como Giordano, Brown, Filotas, Schmitt, entre outros, fazem uma análise sobre o uso dos termos *Superstitio*, *paganiae* e *idolatria*, trazendo aos estudos historiográficos importantes contribuições sobre a atribuição de tais termos nos textos

pastorais, assim como foram empregados nas literaturas eclesiásticas pelas autoridades da igreja. O objetivo dessa comunicação é apresentar um panorama conceitual sobre esses termos, enfatizando suas principais diferenças e usos pelas autoridades eclesiásticas, atendo-nos especificamente na análise de penitenciais irlandeses.

A RAINHA TERESA NA PRIMEIRA CRÔNICA ANÔNIMA DE SAHAGÚN (SÉCULO XII): AUTORIDADE, CONFLITOS E FAMÍLIA

Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira (Mestranda – UFRJ)

Nesta comunicação, analiso a forma como a Rainha Teresa de Portugal foi representada na *Primeira Crônica Anônima de Sahagún*, produzida no século XII no mosteiro beneditino de Sahagún, localizado no reino de Leão e Castela. Teresa, segundo a documentação medieval, foi a filha bastarda do rei castelhano-leonês Afonso VI que, ao se casar com o Conde Henrique de Borgonha, recebeu o Condado Portucalense, território que passou a governar sozinha após enviuvar e enquanto seu filho, Afonso Henriques, ainda não havia completado a maioridade. Ao adotar uma postura governamental que visava a uma maior autonomia em relação ao reino de Leão e Castela, ela teria se filiado à família galega dos Trava, gerando desconfiança dos nobres locais do condado. Junto a essa aliança política, ela teria se envolvido amorosamente com um dos membros, o Conde Fernão Peres de Trava, relação que foi vista com suspeita por religiosos em um contexto em que a Igreja Romana estaria reformulando sua moral acerca do matrimônio. Na comunicação, apresento as conclusões da análise das representações da Rainha Teresa no referido documento. Utilizando o conceito de representação do Roger Chartier, objetivo discutir o tratamento que é dado à mãe daquele que, segundo a tradição, foi o primeiro rei de Portugal, no reino vizinho. Os aspectos debatidos são as representações de seu exercício de autoridade e, de suas relações de parentesco, bem como as características e intitulações que lhe foram atribuídos.

ASPECTOS DO PROCESSO JURÍDICO SEGUNDO *EL ESPECULO DE LAS LEYES DE AFONSO X*

Mayara Ramos Saldanha (Graduanda – UERJ)

El Especulo de Las Leyes é parte da obra jurídica organizada por Afonso X, rei de Leão e Castela entre 1252 e 1284, e como tal foi utilizado pelo monarca como uma ferramenta de manutenção de sua autoridade, organizando a justiça e a paz interna do reino por meio do direito. O *Especulo* está dividido em cinco livros onde cada um se dedica a legislar e organizar assuntos específicos do reino, sendo os últimos dois referentes ao desenvolvimento do processo judicial.

Como parte integrante do projeto de iniciação científica financiado pela UERJ cujo tema é “A configuração do poder real na Castela do séc. XIII: uma análise da obra jurídica afonsina em seu diálogo com o corpo social”, a proposta deste trabalho visa analisar como o processo jurídico está organizado no *Especulo*, dando destaque aos principais aspectos que dizem respeito ao processo judicial, tais como sua organização, procedimentos e personagens envolvidos.

BISPOS, REIS E NOBRES CRISTÃOS: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER NO REINO DE KENT APÓS A CONVERSÃO (SÉCULOS VI-VII)

Nathalia Agostinho Xavier (Doutoranda – PEM/PPGHC/UFRJ)

O reino de Kent é o primeiro dos reinos anglo-saxônicos a se converter ao cristianismo, o que se associa a uma missão enviada por Gregório Magno. Os monges que chegam às ilhas com o objetivo de converter a população, selam uma aliança com a monarquia e passam a ser os representantes do clero secular de uma igreja local, incipiente, e projetada a partir deste diálogo entre Roma e Kent. Todavia, há de se ponderar acerca das demandas e dinâmicas locais que levam o rei a se converter, sem submetê-las a uma narrativa romana.

Dentre a escassa documentação produzida à época, para além das cartas gregorianas, encontra-se o código de leis de Ethelberto. Formado por noventa normativas, cuja lógica é de compensação a vítimas de diversos crimes, o texto demarca as posições, privilégios e valores daquela sociedade. Considerando-o como um documento escrito após o processo de conversão, interessa-nos observar que papel a formação de uma instituição eclesiástica reconhecida no reino desempenha na produção do texto.

O presente trabalho insere-se em nossa corrente pesquisa de doutorado, cujo foco amplo é a análise do discurso acerca da religião, das instituições monárquica e clerical, e na sua relação com a espacialidade. Neste sentido, amparamo-nos no arcabouço teórico do *spatial turn*, e buscamos considerar em que medida as leis propostas pelo código conformam e ordenam as hierarquias sociais a partir da construção de um reino cristão. Destacamos para tanto, três pontos de interesse: um levantamento dos crimes enumerados, a variação nas penas de acordo com os agentes citados e com os crimes, e a presença de normativas especificamente voltadas para os membros da igreja local.

OS PROJETOS SOTERIOLOGICOS DAS TRADIÇÕES CRISTÃ E HINDU NA IDADE MÉDIA – A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE PESQUISA

Nathália Cardoso Rachid de Lacerda (Doutoranda – PEM-UFRJ)

Nossa comunicação visa apresentar, em linhas gerais, a construção de um novo objeto de pesquisa, ainda em fase inicial. Objetivamos investigar, por iluminação recíproca, as semelhanças e diferenças entre duas tradições religiosas – a cristã e a hindu – no que tange às suas práticas no início da Idade Média. Apesar de ainda não termos definido o *corpus* documental, sublinhadas as dificuldades com a datação dos textos “hindus”, procuramos delimitar alguns possíveis eixos comparativos, embasados na bibliografia e na leitura inicial de algumas fontes documentais, quais sejam: a sexualidade, as relações hierárquicas, os rituais e a alimentação.

Como ressaltamos, mesmo que a pesquisa se encontre em estágio inicial, é possível destacar uma hipótese provisória. Ela parte da seguinte premissa: as duas tradições possuem o que podemos chamar de “projetos soteriológicos”, padrões de conduta humana para a salvação, nos quais o ascetismo e as formas de devoção podem ser considerados relevantes nas respectivas conjunturas e nos determinados grupos sociais de elite em que se desdobram, tanto no ocidente, quanto no oriente. Procuramos, então, refletir acerca dos elementos pertencentes a cada uma e em como eles se aproximam ou distanciam. Acreditamos na hipótese de que se estabelecem modelos arquetípicos relacionados às conjunturas políticas e sociais nas quais eles se desenvolvem e são valorizados, no sentido de fornecer um aparato de diferenciação social e/ou prestígio para uma determinada camada da sociedade, tendo conexão direta ou indireta com as relações de poder.

A MORTE DOS PRIMEIROS REIS DE AVIS E O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO PODER RÉGIO EM PORTUGAL (SÉCULOS XIV-XV)

Nathalia de Ornelas Nunes de Lima (Mestranda – PPGH-UFF)

O trabalho tem como principal objetivo investigar como os funerais régios foram utilizados no processo de legitimação e consolidação do poder régio durante a fase inicial da Dinastia de Avis no reino de Portugal, entre os séculos XIV e XV. Observamos que esse período, segundo historiadores como A. H. Oliveira Marques (1987) e Jacques Le Goff (2005), representa um momento de crise geral na Cristandade europeia ocidental, mas no qual, ao mesmo tempo, assumia novos contornos a formação do estado português. Consideramos que os cerimoniais fúnebres régios, descritos de forma detalhada por cronistas oficiais como Gomes Eanes de Zurara e Rui de Pina, são elementos que adquirem grande importância nesse contexto histórico, ao promoverem o culto a figuras da monarquia portuguesa e se prestarem à construção de uma memória do reino. Nesse sentido, a comunicação propõe a análise dos “episódios” relacionados à morte e às cerimônias de exéquias fúnebres dos quatro primeiros reis de Avis, a partir, sobretudo, das crônicas de Rui de Pina.

O BATISMO EM SUA RELAÇÃO COM A EUCARISTIA NAS *SENTENTIAE LIBRI TRES* DE ISIDORO DE SEVILHA (SÉCULO VII)

Nathalia Serenado da Silva (Mestranda – PPGHC-UFRJ)

Esta comunicação pretende investigar as referências ao batismo nas *Sententiae libri tres* de Isidoro de Sevilha, principalmente em sua relação com a eucaristia delineada pelo autor. As *Sentenças* são um manual ou compêndio teológico que tem como público-alvo os eclesiásticos e é marcada por uma linguagem didática. Ela é composta por três livros: o primeiro contém trinta capítulos e privilegia questões dogmáticas; o segundo e o terceiro contam com, respectivamente, quarenta e quatro e sessenta e seis capítulos com temas voltados às demandas ascético-morais. Tendo como objeto principal o pecado. Nesse sentido, ressalta que o homem pode se fortalecer por meio da espiritualidade e aproximação com Deus, ou, do contrário, enfraquecer-se ao se distanciar das virtudes.

Em uma análise preliminar, percebemos que Isidoro de Sevilha relaciona os ritos por meio de duas frentes: a eucaristia seria um rito pós-batismal e a lavagem iniciatória tornar-se-ia uma premissa necessária à participação do fiel na ceia. Para além de suas descrições, estamos interessados em como o bispo os inseriu dinâmica de fortalecimento da instituição eclesiástica. Analisaremos o disposto por Isidoro de Sevilha nas *Sentenças* acerca do batismo à luz de sua relação com a eucaristia, compreendendo que essas delimitações fazem parte do esforço do bispo de Sevilha, e do episcopado visigodo como um todo, à promoção de uma unificação religiosa e litúrgica no reino visigodo. Esse empenho pela unidade empreendido pelo episcopado é analisado tendo como referência as reflexões de Pierre Bourdieu, com destaque para o conceito de campo. Nesse sentido, valorizamos a atuação episcopal como produto de relações de afirmação e manutenção dos bens de salvação.

A CONVERSÃO NA *JIHAD* DA IDADE MÉDIA VERSUS A CONVERSÃO NA *JIHAD* DOS GRUPOS RADICAIS ISLÂMICOS

Nathália Velloso de Castro Costa Ribeiro (Graduanda – UERJ)

Este trabalho aborda o aspecto da conversão por meio da *jihād* na Idade Média, em comparação com a conversão presente na *jihād* dos atuais grupos radicais islâmicos. Tendo em vista que durante a Idade Média a *jihād* influenciou a expansão islâmica, que teve diversas etapas, uma delas na Península Ibérica, al-Andalus, onde os primeiros califas não impuseram a sua religião, permitindo aos cristãos e judeus continuarem em suas respectivas religiões, desde que pagassem impostos. Esta *jihād* presente no Alcorão e na tradição muçulmana, e que pode ser definida como “luta em nome ou em defesa da fé” acaba sendo interpretada em termos mais militantes por alguns muçulmanos, em especial aos que hoje fazem parte de grupos radicais islâmicos, e que ao contrário do que pregava Maomé, obrigam a conversão dos povos dominados por eles. E apesar de divergirem em relação a conversão dos povos dominados, esses grupos radicais islâmicos tem em comum com os *jihadistas* da Idade Média a vontade de espalhar por todo o mundo a doutrina de *Allah*, já que a ideia de *jihād* presente no Alcorão promete um lugar no paraíso àqueles que morressem e que ainda morrem em combate.

OS CAMINHOS PARA A SALVAÇÃO: DAS FALTAS AO PERDÃO NA ARTE DE BIEN MORIR (1484).

Patrícia Marques de Souza (Mestre – PPGHIS-UFRJ)

Alcançar a salvação era uma constante busca para os cristãos do medievo. Esta era formada por um longo percurso que exigia dedicação e preparação, o quanto antes, na vida terrena. Assim, a passagem da alma e a separação imediata desta com o corpo, após a morte física, era entendida como o momento exato do julgamento individual que todos passariam, sem exceção. No século XV surgiu um gênero literário específico que era destinado a auxiliar os cristãos a conquistarem uma boa morte e um agradável e recompensador destino no Além ou, pelo menos, uma curta estadia no Purgatório: a *Ars Moriendi*.

Na narrativa da *Ars Moriendi*, o destino no além-túmulo seria decidido de acordo com os pecados e as faltas cometidas em vida assim como pelos mandamentos e bons atos praticados. É justamente sobre o imaginário social e as representações imagéticas sobre a crença na salvação ou na condenação eterna na Baixa Idade Média que trata esta pesquisa. Neste sentido, o objetivo desta comunicação é refletir sobre as semelhanças e diferenças entre a representação visual e textual da boa morte na segunda metade do século XV utilizando como principal fonte a *Arte de Bien Morir* – o primeiro incunábulo em castelhano que foi produzido e impresso na Península Ibérica, mais especificamente em 1484, na cidade de Saraçoga situada no reino de Aragão.

EQUITES ET PEDITES: O LUGAR DA INFANTARIA NORMANDA NAS NARRATIVAS SOBRE A BATALHA DE HASTINGS.

Paulo Christian Martins Marques da Cruz (Mestre – LEME-UNIFESP)

A historiografia da Batalha de Hastings acostumou-se a entendê-la como um ponto decisivo na construção do paradigma da supremacia da cavalaria sobre a infantaria. Nesta batalha campal, ocorrida em 14 de Outubro de 1066, clímax do processo conhecido como

a Conquista Normanda da Inglaterra, enfrentaram-se o então duque da Normandia, Guilherme II e o último rei anglo-saxão da Inglaterra, Harold II Godwinson. De acordo com uma série de cronistas, os infantes normandos, apesar de presentes em larga escala no campo de batalha, ocupam lugar destacadamente inferior nas narrativas em comparação os cavaleiros normandos e mesmo os infantes saxões, a única peça estratégica disponível a esta força. Para além da inegável mobilidade trazida pela cavalaria nesta batalha e seu papel decisivo, nos interessa apontar e discutir alguns elementos sobre o papel desempenhado pela infantaria normanda nesta batalha. Acreditamos que a análise do discurso historiográfico de monges cronistas como Guilherme de Poitiers, Guilherme de Jumièges e Henrique de Huntingdon e Guilherme de Malmesbury, podem nos fornecer informações importantes para este fim. Interessa-nos, então, observar a eleição de determinados termos e conceitos associados a infantaria normanda por estes autores de destaque, o que abrirá caminho para problematizarmos o estado de consagração deste corpo militar no interior de uma sociedade aonde a cavalaria enquanto instituição encontrava-se em pleno desenvolvimento.

A BULA AD EA EX QUIBUS E A NOVA ORDEM DE CAVALARIA DE JESUS CRISTO

Raphael Pais Ventura (Graduado – UERJ)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar o contexto em que foi criada a Ordem de Cristo em Portugal, no século XIV. A formação do reino português é um dos principais pontos analisados, sobretudo o surgimento e a participação das ordens religioso-militares no reino, e mais especificamente a Ordem do Templo no século XII. A dissolução desta ordem no início do século XIV suscitou debates e discussões entre o Papado e a Coroa portuguesa acerca do destino dos bens da ordem dissolvida. O Rei Dom Dinis, ao enviar procuradores ao papado, procurou alcançar uma alternativa que agradasse ambas as partes. Uma vez que havia um forte vínculo entre a monarquia lusa e as ordens atuantes no reino durante o processo de Reconquista, o papa João XXII ordena a criação da Ordem de Cristo em 1319, partindo das terras em Portugal dos antigos templários, juntamente com novas propriedades doadas pelo rei Dom Dinis.

LETRAS NO PAÇO DA ALCÁÇOVA – CONTATOS E IDENTIDADES NOS ESCRITOS DA DINASTIA DE AVIS.

Raquel Hoffmann Monteiro (Doutoranda – PPGHS-USP)

Esta comunicação visa apresentar o surgimento de um relacionamento entre a família real de Avis e os letrados funcionários da Chancelaria Régia, situada na Torre do Tombo. Sob o pressuposto que a proximidade desses dois grupos, ocasionada pela convivência da corte com os intelectuais que cuidavam da Chancelaria Régia no Paço da Alcáçova, promove as condições ideais para o surgimento de um movimento de produção de obras de discurso legitimador para Avis, nossa intenção é compreender como esses contatos colaboram para a construção identitária de uma dinastia nascente no contexto português. Abordamos o background cultural avisino, muito influenciado pela bagagem intelectual da rainha D. Filipa de Lencastre; pelas intervenções literárias de D. João e dos infantes e, finalmente, pelo hibridismo das funções de guarda-mor da Torre do Tombo e cronista-mor do reino.

JUDEUS: UM OLHAR PELAS TERRAS PENINSULARES

Rayane Araujo Lopes (Graduanda – UERJ)

A Península Ibérica traz uma peculiaridade por ser ocupada por povos tão diversos que percorrem por ela desde Antiguidade. Esses grupos ao cruzarem suas culturas possibilitam uma troca interessante que diz muito da identidade do local, mas os conflitos políticos e sociais também vão ser latentes dentro do território peninsular.

A comunidade judaica presente nas terras peninsulares há muitos séculos constitui uma parte fundamental dentro dos grupos inseridos na Península Ibérica, conhecidos pelas diásporas devido à perseguição que sofrem desde Antiguidade, encontram dentro dos espaços ibéricos alguns reinados que oferecem proteção dada pelo monarca em troca de alguns interesses.

Nessa perspectiva a proposta do trabalho é analisar a partir de um debate historiográfico a inserção dos judeus na política jurídica centralista da corte afonsina, tomando como referência o *Fuero Real*, tomando como base os conceitos de práticas e representação de Roger Chartier, pode-se entender a importância da cultura judaica dentro do território peninsular.

DISTINÇÃO RELIGIOSA E CONFLITOS ENTRE CLÉRIGOS E LAICOS NOS CONCÍLIOS INTERPROVINCIAIS FRANCOS (SÉCULOS VI E VII)

Renan Costa da Silva (Mestrando – UFRJ)

Esta comunicação dialoga com a pesquisa de mestrado em andamento, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada, sob a orientação da professora Leila Rodrigues da Silva.

Entendemos a conversão do monarca Clóvis, em 508, e a posterior convocação do I Concílio de Orleans, em 511, como aspectos chaves para a retomada e crescimento de uma relação de cooperação entre a elite eclesiástica e a monarquia. Visando a cristianização da sociedade como um todo, observamos que em Orleans I e nos concílios interprovinciais subsequentes, vários cânones foram emitidos com o intuito de orientar a vida religiosa dos súditos, de acordo com os desígnios do episcopado e da monarquia. Considerando que as disposições das reuniões episcopais continham elementos de distinção social entre clérigos e laicos, levantamos as seguintes questões para este trabalho: quais elementos de diferenciação entre eclesiásticos e seculares estão presentes nesses cânones? Como tais elementos se relacionam aos interesses dos proponentes e demais grupos dirigentes?

Nosso *corpus* documental privilegia os concílios interprovinciais que foram convocados em sua maioria por iniciativa real. Selecionamos, portanto, os cinco primeiros concílios de Orleans (entre 511 e 549), as assembleias I e II de Mâcon (581-583? e 585 respectivamente), o sínodo V de Paris (614-615?) e Clichy (626-627?). Como arcabouço teórico à nossa reflexão, basearemos-nos nas referências de Bourdieu, com destaque para os conceitos *campo*, *habitus* e *poder simbólico*.

“PODER E GUERRA”: O REI NORUEGUÊS COMO AGENTE DA CRISTIANIZAÇÃO (SÉCULO X)

Renan da Justa Corrêa (Graduando – UFRJ)

De acordo com Sverre Bagge, existia na Escandinávia pré-cristã certa unidade entre a “religiosidade”, o comportamento social, a, visão do mundo e principalmente a política. Pode-se observar que nesta sociedade a religião não era institucionalizada, e, havia pouca ou nenhuma separação entre a vida secular e a religiosa, o que pode ser observado no papel dos governantes enquanto líderes religiosos quanto políticos.

Assim, quando o cristianismo começou a ser difundido dentro do território da Noruega, o principal catalisador para que se iniciasse o processo foram às figuras régias. Este terreno proporcionou aos reis considerados missionários, apoiados pela aristocracia local e pela aristocracia dinamarquesa, a capacidade de difusão do Cristianismo, seja pelo meio da edificação – a construção das primeiras igrejas sobre solos considerados sagrados – ou pelo do “monopólio da violência”, configurado em vista da cultura guerreira local ou da conversão forçada de certos territórios.

Este trabalho visa discutir os processos de cristianização e a função do monarca norueguês, que incorpora aspectos tanto religiosos quanto marciais. Deste modo, podemos analisar a cristianização sob a ótica da violência, principalmente quando relacionada ao imaginário de força, poder e religiosidade atrelados aos personagens de destaque e que se faz presente no escopo da narrativa das Saga de reis conhecida como o *Heimskringla* de 1230, atribuído comumente ao islandês Snorri Sturluson, onde são narradas as biografias dos reis noruegueses desde os tempos mitológicos. Interessam-nos, especificamente, as vidas de três monarcas: Hakon, Olaf I e Olaf II.

NORMANDOS, USOS E ABUSOS DO CONCEITO NO PERÍODO DA RESTAURAÇÃO 1814-1830

Renan Perozini Gomes Barrozo (Mestrando – UFRJ)

Este trabalho tem por objetivo compreender a produção intelectual na França, após a derrota de Napoleão, período entre o pré-romantismo e o romantismo propriamente dito, no qual, os intelectuais da Restauração possuíam um conflito distinto dos contextos supracitados para travarem e nesse sentido, cabe ressaltar uma tendência nos primeiros anos após o fim da Era Napoleônica. Seguindo esta linha, nossa análise busca demonstrar a maneira como os intelectuais do período inserem os nórdicos em um processo de regeneração universal, no âmbito da literatura francesa.

É possível notar que o período da Restauração que precisava provar que a Revolução não era uma aberração, como a fase do Terror e a possibilidade de uma quase anarquia total poderia ter legado, assim a discussão política se embasava na história para travar suas batalhas por poder. Os escandinavos e os bárbaros das primeiras incursões são vistos e usados como elemento regenerador de uma sociedade em vias da decadência total, traçando um paralelo com a França do início do século XIX.

BASÍLICA NACIONAL DE APARECIDA: IMAGENS DO MEDIEVO E IMAGENS DA CONTEMPORANEIDADE

Richard Gomes da Silva (Mestrando – PPGARTES-UERJ)

A comunicação a ser apresentada é parte da pesquisa de Mestrado: “A Iconografia Sacra de Cláudio Pastro na Basílica Nacional de Aparecida”, cujo objeto busca analisar a obra daquele que é considerado por especialistas um dos mais importantes artistas sacros brasileiros da contemporaneidade.

Logo, o recorte aqui proposto deseja constituir um paralelo entre a imagem medieval e a obra de Cláudio Pastro que, intitulando-se artista sacro pós-Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), buscou revisitar as imagens do Medievo, o *ícone* de modo particular, como uma forma de “regresso às fontes”, com objetivo de atender às demandas de uma renovação litúrgica aventada pelo sínodo.

O estudo busca grifar aspectos pertinentes à imagem medieval, de modo a compreender os reflexos existentes na obra do artista contemporâneo tomando, como ponto de partida para análise, o conceito de *lieu d'images* (lugar de imagens), desenvolvida por Jérôme Baschet, pelo qual a Igreja consubstancia-se em “um objeto total, complexo, no qual as imagens se ligam entre si, se fundem com o lugar, participam em sua função que é celebrar o culto de Deus (...)”.

Assim sendo, esta comunicação enseja demonstrar como a imagem cristã medieval se revela base fundamental para a arte sacra da atualidade ao analisar a obra de Cláudio Pastro que, mesmo inserida em um contexto contemporâneo, vai ao encontro do aspecto simbólico da imagem do Medievo.

ARTE E CULTURA: IMAGENS E TEXTOS DOS MANUSCRITOS BNF, FR. 854 E 12.473.

Roberta M. da Gama Bentes (Mestre – UFPR)

Est trabalho analisa textos e imagens dos cancioneiros occitanos produzidos ao norte da região do Vêneto no século XIV e hoje guardados na *Bibliothèque National de France* identificados como Mss. BnF, Fr. 854 (Cancioneiro I) e 12473 (Cancioneiro K). A pesquisa se debruçou em cinco personagens que contribuíram ricamente na elaboração do cenário sócio-político-cultural do *Langue d'Oc* durante o século XI e XII: Guilherme IX d'Aquitânia, Jaufré Rudel, Bernard de Ventadorn, Bertrans de Born e Arnault Daniel. Estas personagens tiveram registrados suas *vidas*, representações imagéticas, produções líricas e *razós*. O objetivo deste trabalho é a hipótese elaborada pela pesquisadora em sua dissertação através da perspectiva da história e da história da arte uma justificativa para a diferença entre suas figurações nos cancioneiros, assim como uma interpretação das imagens através do conteúdo escrito nas *vidas* e *razós* assegurando uma compreensão com viés de “duplo filtro metatextual”. A metodologia aplicada para esse trabalho é adaptado da metodologia elaborada por Marcella Guimarães em que se fez uma tabela de classificação de informações através de palavras-chaves das vidas dos *troubadours* o que permitiu a execução de uma análise crítica e comparativa, e teve por resultado a interpretação de que as iluminuras presentes no Cancioneiro I seriam as representações dos valores culturais da região do *Langue d'Oïl*, enquanto as iluminuras do Cancioneiro K seriam da região do *Langue d'Oc*.

RISOS NA “IDADE DAS TREVAS” PROVOCADOS PELAS CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER DE AFONSO X

Robson Rafael de Oliveira Nascimento (Doutorando – UERJ)

A presente comunicação mostra o estímulo de riso por algumas cantigas de escárnio e de maldizer, através da sátira do rei trovador Afonso X feita a certos procedimentos considerados inadequados. O que se pretende é expor uma faceta do Medievo, obscurecida pelo estereótipo de “idade das trevas”, que revela momentos de alegria proporcionados por essas músicas. As cantigas de escárnio e maldizer, das quais destacamos uma de Afonso X neste trabalho, ridicularizavam certos caracteres sociais por causa de suas condutas tidas como vergonhosas, causa e inspiração, portanto, de sátira bem humorada que suscitava o riso dos ouvintes dessas poesias cantadas.

NO FIO DO TEMPO: OS RASTROS DE REPRESENTAÇÕES SOBRE BERENGUELA (1180-1246) NA HISTORIOGRAFIA

Thaís Monique Costa Moura (Graduanda – UFS)

Sendo uma das poucas mulheres a terem governado efetivamente em Castela, Berenguela (1180-1246), permaneceu atuante politicamente mesmo após abdicar seu reinado para Fernando III, seu filho. Ela se manteve realizando diversas negociações e sendo figura-chave na administração do reinado e nas escolhas do rei. Mesmo protagonizando uma posição de singular evidência política, a historiografia pouco dedicou tintas para análises voltadas exclusivamente para suas participações nas decisões do reino de Castela. Ou seja, quando houve ou há espaço para Berenguela é sempre à sombra de Fernando III.

A história de uma mulher pode ser utilizada de diversas maneiras como forma de estabelecer ou arruinar discursos. Temos observado, inicialmente, que dentre todos os modos de se relembrar do reinado da rainha e suas atuações políticas, a alcunha de “rainha-mãe” seria a mais presente em suas reminiscências. Desse modo, essa comunicação terá como objetivo estabelecer contato com as fusões entre história e memória a respeito da vida de Berenguela ao longo de sua trajetória historiográfica.

UMA NARRATIVA GUERREIRA? O PAPEL DO MONASTICISMO NA ESCRITA DA CRUZADA CONTRA OS CÁTAROS A PARTIR DO EXEMPLO DA *HISTORIA ALBIGENSIS* (C. 1212-1218)

Thalita Soares Claudino (Mestranda – PPGHIS-UFRJ)

Diferentemente do estereótipo, a Igreja medieval enquanto instituição centralizada e que se pretendia dominante surgiu efetivamente apenas entre os séculos XI-XIII. A legitimação desse poder está ligada ao movimento que ficou conhecido historiograficamente como Reforma Gregoriana. Esta tinha como objetivo moralizar a sociedade e fazer com que nela reinasse a justiça de acordo com a vontade de Deus, da qual a igreja romana se dizia ser a única portadora. A Reforma Gregoriana foi, assim, um movimento de extrema importância para a construção do processo de “marginalização”, isto é, de construção das dissidências sociais.

Às dissidências a Igreja respondeu, em um primeiro momento, com a pregação. No entanto, essa tornou-se insuficiente e a Igreja passou a valer-se da repressão física de fato.

Um exemplo desta mudança de atitude da igreja romana é o de sua luta, entendida enquanto uma luta discursiva e física, contra os cátaros do Languedoc francês. Uma das principais fontes sobre a cruzada, a *Historia Albigensis*, foi escrita entre 1212 e 1218 por um monte cisterciense, Pedro de Vaux-de-Cernay, que acompanhou de perto a empreitada. Em virtude disso, somos instigados a entender de que forma a cruzada se estabeleceu no horizonte monástico e, mais do que isso, de que forma o ideal monástico, em uma sociedade reformista, passou à prática escrita na *Historia Albigensis*. Assim, na presente comunicação nos propomos analisar o papel do monasticismo na escrita da *Historia Albigensis* à luz das reformas dos séculos XI-XIII.

UMA ANÁLISE COMPARADA DA DEMONIZAÇÃO NOS MILAGROS DE NUESTRA SEÑORA, DE BERCEO, E NO LIBER MARIAE, DE JUAN GIL DE ZAMORA

Thalles Braga Rezende Lins da Silva (Doutorando – PPGHC-UFRJ)

Neste trabalho, será apresentada uma análise comparada sobre a demonização nas representações medievais castelhanas do século XIII contidas nas hagiografias *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, e *Liber Mariae*, de Juan Gil de Zamora. Tal exposição trata-se de um recorte da situação atual da minha pesquisa de doutorado em História Comparada, realizada no âmbito do PPGHC e do PEM da UFRJ. Como metodologia comparativa, utilizarei o “Inventário das Diferenças”, como definido por Paul Veyne. Para tanto, considerarei como conceito constante a Demonização, isto é, o ato de negar inteiramente quaisquer qualidades morais que *Outrem* possua por meio da associação acusatória deste com entidades sobrenaturais diabólicas, atribuindo-lhe tudo o que uma cultura considera como imoral e negativo. Entretanto, devido a extensão reduzida desta apresentação, me deterei apenas na identificação das ocorrências de demonização e na diferenciação entre elas, segundo os critérios já explicitados.

DISCURSOS DE PODER E HEROÍSMO EM BEOWULF E NA SAGA DE HARALD HARDRADA

Tiago Quintana (Doutorando – UFRJ)

A figura do herói é presença constante ao longo de todo o contínuo espacial e temporal das culturas humanas, não apenas na ficção, mas também na heroização de personagens históricos (como Duque de Caxias e Lampião), e pelo menos desde a composição d’*O épico de Gilgamesh* que obras literárias abordam direta ou indiretamente o conceito de heroísmo e suas relações com o poder e a violência intrínseca ao exercício deste. A proposta desta apresentação é realizar um estudo comparativo dos discursos sobre poder e heroísmo nas histórias de dois personagens específicos, Beowulf (protagonista do poema epônimo em inglês antigo, *Beowulf*) e Harald Hardrada (protagonista de uma das sagas que compõem a crônica *Heimskringla*, escrita em nórdico antigo), e suas realizações não apenas como heróis, mas também reis e estadistas.

A CIDADE ALTO MEDIEVAL: ROMA, PARIS, TOURS E NÁPOLES (SÉCULOS V-VI).

Tomás de Almeida Pessoa (Mestre – UFF)

As cidades da Alta Idade Média, como o próprio período, ainda nos parecem relegadas a um limbo, espremidas entre a cidade romana e a cidade da Idade Média

Central de maneira semelhante ao próprio conceito de Idade Média formulado no século XVI. Quando o termo “cidade medieval” é utilizado, por exemplo, mesmo muitos dentre os medievalistas ainda remetem-se diretamente às urbes dos últimos séculos da Idade Média. Considerando nossos conhecimentos sobre o tema, a comunicação pretende, portanto, contribuir para o desenvolvimento de novas perspectivas sobre as cidades dos séculos V e VI ao nos distanciarmos das visões catastróficas, decadentes e/ou deficitárias a partir das quais elas foram e continuam sendo estudadas. Após uma introdução sobre o assunto, pretendemos abordar não exaustivamente quatro exemplos, dois na Gália e dois na Península Itálica, que demonstram algumas das possibilidades das configurações urbanas deste período: Roma, a antiga capital do Império, Paris, nova sede régia, Tours, uma das principais catedras episcopais da Gália e Nápoles, cidade de importância comercial no Mediterrâneo.

OS ESCRITOS DE AVITO DE VIENA: QUESTÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DO REINO BURGÚNDIO E DA GÁLIA ENTRE OS SÉCULOS V E VI

Vanessa Gonçalves Paiva (Mestre – UFRJ)

A presente comunicação objetiva traçar um panorama inicial da documentação relacionada a Avito de Viena, bispo com importante atuação no âmbito do reino burgúndio em fins do quinto e princípios do sexto século. Trata-se de um conjunto de cartas, homilias e tratados teológicos que recebera, até então, pouca atenção da historiografia acerca da Gália para o período considerado, e que apenas recentemente fora traduzido para alguma língua vernácula – a saber, o Inglês. Pretendemos, dessa forma, propor questionamentos e possíveis linhas de análise para a compreensão do entorno político e religioso burgúndio. De modo mais específico, interessa-nos as relações de poder em que se forjaram e imiscuíram as instituições eclesiásticas do período, na medida das formulações e discursos de seus idealizadores e representantes. Tal esforço, cabe dizer, requer a consideração dos caminhos metodológicos da comparação e da linguagem epistolográfica, bem como da noção de *lutas simbólicas* de Pierre Bourdieu e das contribuições do *institucionalismo histórico*. Nesse sentido, elegemos três cartas de Avito, dentre as mais representativas do processo de organização em exame.

UM “HOMEM DE SABER” ENTRE OS MENORES: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE ANTÔNIO DE PÁDUA NAS PRIMEIRAS HAGIOGRAFIAS DO SÉCULO XIII

Victor Mariano Camacho (Doutorando – PPGHC-UFRJ)

Antônio de Pádua, canonizado pelo Papa Gregório IX em 1232 foi dos primeiros religiosos a ingressar na Ordem dos Frades Menores, fundada a partir da experiência de Francisco de Assis com prévio letramento e formação teológica. A instituição surgida em inícios do século XIII era formada em sua maioria por iletrados, viviam da mendicância e de uma pregação desprovida de embasamento teológico, sendo assim, o santo lisboeta acaba tornando-se um modelo de frade menor entre os letrados da Ordem. O objetivo deste trabalho é analisar, por meio da perspectiva da História Comparada, como este modelo de franciscano, enquanto homem de saber é representado nas primeiras legendas sobre Antônio escritas entre 1232 a 1245: a *Legenda Assídua*, cuja autoria é anônima, a *Vida Segunda*, escrita por Frei Juliano de Espira e o *Dialogus das Gestas de Santo Antônio também de autoria anônima*. Para esta comunicação, delimito a análise nos trechos que narram a formação acadêmica em Portugal e o ingresso do lisboeta no movimento franciscano.

A ARISTOCRACIA INGLESA NO SÉCULO XIV A PARTIR DOS TEXTOS SOBRE ROBIN HOOD

Vitor Nunes da Silva (Graduando – UFS)

A primeira balada impressa sobre aquele que podemos considerar como um dos “bandidos mais conhecidos” da história foi *A Gest of Robyn Hode*, escrita durante finais da Baixa Idade Média. Composta por menestrelis e soldados das cortes inglesas a história desenvolveu-se e se modificou, popularizando a fábula do bom ladrão, que rouba dos ricos para dar aos pobres.

Nessa gesta acompanha-se a história de um cavaleiro disposto a ajudar um andarilho que foi vítima da corrupção e violência de um abade da região. Ao analisar determinados excertos do texto, algumas questões podem ser levantadas: em que contexto surge esse herói das classes subalternas? Quem escreve suas histórias? Quais facetas da sociedade medieval inglesa podemos extrair dessa fonte? Dessa forma, este trabalho busca tentar responder estas perguntas ou pelo menos observar como, em uma sociedade dominada pelo monopólio cultural da igreja, determinadas representações e discursos são forjados e disseminados.

PROBLEMAS DE GÊNERO E IDENTIDADE CRISTÃ NA QUERELA JOVINIANISTA (SÉCULO V)

Wendell dos Reis Veloso (Doutor – UNIRIO/CEDERJ/UAB – Polo Resende)

O objetivo desta comunicação é, a partir dos tratados *De Bono Coniugali* (Dos Bens do Matrimônio) e *De Sancta Virginitate* (A Santa Virgindade), ambos escritos em início do século V, empreender alguns apontamentos sobre o posicionamento de Aurélio Agostinho, bispo católico da cidade de Hipona, na África Romana, sobre aquilo que denominamos historiograficamente de Querela Jovinianista. Trata-se de expressão que faz referência ao debate teológico e normativo travado em fins do século IV entre Agostinho de Hipona, Jerônimo e Joviniano, e que tinha como cerne o questionamento se os casados, os *coniugati*, e os castos e os virgens, os *continentes*, gozariam de uma vida cristã de mesmo valor. Desta maneira, aproveitaremos para refletir como suas propostas de entendimento do mundo e da fé cristã atuam na ficcionalização de gêneros, os quais, por sua vez, são fundamentais na institucionalização da identidade cristã, intenções e exercícios de poder entre o episcopado, formado inteiramente por homens, e os demais cristãos.

1. Adriele de Jesus Costa (UFF) - A RELAÇÃO DE INGLESES MEDIEVAIS COM O RACISMO ESTADUNIDENSE DO FINAL DO SÉCULO XX NO FILME LOUCURAS NA IDADE MÉDIA (2001)
2. Alexandre Pinto de Souza e Silva (FGV) - DO *HÁVAMÁL* AOS NÓRDICOS: COMO OS ESTUDOS SOBRE A LITERATURA MEDIEVAL SÃO IMPORTANTES PARA A CRIAÇÃO DE UM NOVO OLHAR SOBRE OS POVOS ESCANDINAVOS
3. Alinde Gadelha Kühner (UFRJ) - RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL
4. Amanda da Cruz Xavier (UERJ) - REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER NA IDADE MÉDIA: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO IDEAL FEMININO POR LEANDRO DE SEVILHA E SEUS ECOS NA PERSPECTIVA MEDIEVAL
5. André Rocha de Oliveira (UFRJ) - BALANÇO SOBRE A PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL ACERCA DAS COMPILAÇÕES MENDICANTES "*LEGENDA AUREA*" (JACOPO DE VARAZZE) E "*LEGENDE SANCTORUM*" (JUAN GIL DE ZAMORA): UM LEVANTAMENTO A PARTIR DA PLATAFORMA LATTES DO CNPQ
6. Andréa Reis Ferreira Torres (UFRJ) - O PROCESSO DE INQUISIÇÃO DE MARGUERITE PORETE COMO DOCUMENTO PARA ANÁLISE DA ESPIRITUALIDADE FEMININA NO INÍCIO DO SÉCULO XIV
7. Augusto Leandro Rocha da Silveira (Universidade Nova de Lisboa) - ASPECTOS ÉTICOS NO LIVRO DA ORDEM DE CAVALARIA DE RAMON LLULL. POR UMA AUTONOMIA DA ÉTICA LULIANA.
8. Bruno Marconi da Costa (UFRJ) - "PER TRABALHO DE SEUS CORPOS" - AS PETIÇÕES DOS MESTEIRAIS DA LISBOA MEDIEVAL (SÉCULOS XIII-XIV)
9. Bruno Uchoa Borgongino (UFPE) - TEXTUALIDADE E FORMA DE VIDA: RELAÇÕES ENTRE LETRAMENTO E REGRAS MONÁSTICAS (SÉCS. V-VII)
10. Caio da Silva Gonçalves (UNESPAR) - MARTINHO DE BRAGA: ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA
11. Camila da Silva Santanna Figueiredo (UERJ) - A RAPOSA E SUAS REPRESENTAÇÕES NA OBRA O LIVRO DAS BESTAS E EL FISIÓLOGO
12. Carlos Henrique Durlo (UEM) - AS IMAGENS NAS *CANTIGAS DE SANTA MARIA*, DE DOM ALFONSO X
13. Clarissa Mattana (UFRJ) - O HOMEM SANTO E A "CRISTIANIZAÇÃO DA PAISAGEM": UMA ANÁLISE COMPARADA DE DUAS HAGIOGRAFIAS HIBERNO-LATINAS DE FINS DO SÉCULO VII

14. Claudia Menezes Alves (UFRJ) - *VITA AUGUSTINI (432-439): HERESIAS NOS SÉCULOS IV E V NO NORTE DA ÁFRICA*
15. Cleiton Batista de Oliveira (UERJ) - *A IDADE MÉDIA COMO TEMPORALIDADE DE ANÁLISE.*
16. Danielle Mendes da Costa (UFRJ) - *AS BEGUINAS E A NORMATIZAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA FEMININA: UM ESTUDO COMPARADO DO PROCESSO DE MARGUERITE PORETE (1250-1310) E DOS DECRETOS DO CONCÍLIO DE VIENNE (1311-1312)*
17. Elvis Batista de Souza (UFRJ) - *“DESERTOU DA MILÍCIA TERRENA E JUNTOU-SE A DIVINA”: UMA ANÁLISE DO PAPEL DO SANTO E DA ARISTOCRACIA EPISCOPAL NA CONJUNTURA SOCIOECONÔMICA DA GÁLIA ROMANA DO SÉCULO V.*
18. Fellipe Eduardo Gonçalves Amorim (UERJ) - *A CONSCIÊNCIA CRISTÃ E SEU IDEAL MORAL NA VIDA DE SANTO ANTÃO: APONTAMENTOS SOBRE AS GRAVURAS DE ALBRECHT DÜRER E JACQUES CALLOT NA COLEÇÃO DA BIBLIOTECA NACIONAL*
19. Franklin Maciel Tavares Filho (UFF) - *O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA HERÁLDICO PORTUGUÊS POR D. MANUEL I (1495-1521)*
20. Gabriel Alves Pereira (UFRJ) - *“BENDITA ÉS TU ENTRE AS MULHERES”: A ORNAMENTALIDADE NA ICONOGRAFIA DA ANUNCIAÇÃO EM TRÊS LIVROS DE HORAS DE “ESTILO PUCELLE”.*
21. Gabriel Braz de Oliveira (UFRJ) - *OS PRIMEIROS CONTEMPLADOS DO BEM-AVENTURADO FRANCISCO: UMA ANÁLISE DO VIÉS SOCIAL DOS MILAGRES PÓS-MORTE NA VITA PRIMA SANCTI FRANCISCI*
22. Gabriel Toneli Rodrigues (UFPR) - *AS RELAÇÕES DE PODER DURANTE O REINADO DE JOÃO I DA INGLATERRA (1199-1216): CONFLITOS ENTRE A REALEZA, NOBREZA E CLERO.*
23. Gabriela Conceição de Oliveira (UFRJ) - *PREGAÇÃO E PODER ECLESIAÍSTICO NO OCIDENTE: UM OLHAR PARA A CARACTERIZAÇÃO DAS MULHERES CASADAS (SÉC VI)*
24. Gabriela de Oliveira Medina (UFRJ) - *CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE OS MILAGRES NA VITA FRUCTUOSI*
25. Giovanna Ily Farias Ramalho (UFPE) - *A INVASÃO ÁRABE NO MAGREB AFRICANO: APONTAMENTOS SOBRE AS ESTRATÉGIAS MUÇULMANAS E AS PRIMEIRAS RESISTÊNCIAS BERBERE*
26. Giuliano Vieira Sant’anna (UERJ) - *A REPRESENTAÇÃO DO CERCO DE LISBOA ATRAVÉS DA CARTA DO CRUZADO INGLÊS*

27. Guilherme Marinho Nunes (UFRJ) - PODER E PROPRIEDADE NA *LEX VISIGOTHORUM*: ELEMENTOS DE AFIRMAÇÃO PROPRIETÁRIA E PODER SENHORIAL NAS LEIS VISIGODAS (SÉC. VII)
28. Hayanne Porto Grangeiro (UFF) - O PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA ANGLO-SAXÃ
29. Hiago Maimone da Silva Rebello (UFF) - O CONCEITO DE ORTODOXIA NO MÉDIO MEDIEVO – SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS.
30. Hiram Alem (UERJ) - A MULHER MEDIEVAL E A GUERRA - O CASO DE CHRISTINE DE PISAN
31. Isabela Silva Ribeiro (UFRJ) - MANIFESTAÇÕES DA RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE MEDIEVAL NO DISCURSO FÍLMICO: APONTAMENTOS.
32. Jefferson de Albuquerque Mendes (UERJ) - AS IMAGENS ASTROLÓGICAS E O REGIME ANALÓGICO NO MEDIEVO.
33. João Batista da Silva Porto Junior (UFF) - [RE]CONSTRUINDO E [RE]VIVENDO A IDADE MÉDIA: FRAGMENTOS ETNOGRÁFICOS DE UMA EXPERIÊNCIA NO MEDIEVALISMO CONTEMPORÂNEO
34. João Victor Machado da Silva (UFRJ) - “A LEI INVOCA CRISTO!”: ANTI-JUDAÍSMO E EXEGESE NOS *SERMONES DE SCRIPTURA* DE CESÁRIO DE ARLES (502-542)
35. Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES SOBRE A DATAÇÃO DA CRÔNICA DOS GODOS: NOVOS OLHARES
36. Juliana Prata da Costa (UFRJ) - CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MILAGRES NA VITA SANCTI RADEGUNDIS
37. Juliana Salgado Raffaeli (UFRJ) - AS MODALIDADES DE CRISTIANIZAÇÃO NA *VITA ANTONINI* (SÉCULO VII)
38. Juliana Spohr (UFRJ) - VITA SACTI AEMILIANI: UMA ABORDAGEM PRELIMINAR ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA SANTIDADE PELO BISPO BRÁULIO DE SARAGOÇA (SÉC. VII)
39. Karine Goulart de Almeida (UERJ) - SANTA CLARA DE ASSIS (1193-1253) E A REGRA DAS IRMÃS CLARISSAS POBRES: A SINGULARIDADE DA FORMA DE VIDA CLARIANA.
40. Leandro César Santana Neves (UFRJ) - O QUE DEUS UNIU A ARROGÂNCIA PODE SEPARAR? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O “GRANDE CISMA” DE 1054
41. Leandro Ribeiro Brito (UFF) - O MOURO COMO INIMIGO: O DISCURSO CRUZADO NA CONQUISTA DE LISBOA EM 1147

42. Letícia Alves Jordão (UFRJ) - EPISCOPADO ALTO-MEDIEVAL E HISTÓRIA DAS MULHERES (SÉCULO VI): CONSIDERAÇÕES SOBRE A EPÍSTOLA À GREGÓRIA, DE GREGÓRIO MAGNO
43. Lucas Fernandes Falsett (UFRJ) - O GÊNERO CRONÍSTICO E AS GESTA DE ADAM DE BREMEN (SÉC. XI): A CONSTRUÇÃO DE ESTRATÉGIAS MISSIONÁRIAS AO NORTE EUROPEU.
44. Lucas Moreira Calvo (UFRJ) - VIOLÊNCIA E SANTIDADE NA ANTIGUIDADE TARDIA: UMA ANÁLISE DE CONFLITOS VIOLENTOS NAS HAGIOGRAFIAS MONÁSTICAS DO SÉCULO V
45. Lucas Rodrigues (UFF) - FAZENDO HISTÓRIA NA IDADE MÉDIA: DISCURSO E NARRATIVIDADE NAS CRÔNICAS INGLÊSAS (SÉCULOS IX AO XII)
46. Luciana Araújo de Souza (UFRJ) - CULTURA POLÍTICA E IDENTIDADE: CATEGORIAS DE ANÁLISE POSSÍVEIS PARA A IDADE MÉDIA? AS CRÔNICAS BRITÂNICAS EM PERSPECTIVA (SÉCULOS VI-IX)
47. Luís Felipe da Silva Rodrigues (FSBRJ) - AS REPRESENTAÇÕES DE CARLOS MAGNO E ALFREDO, O GRANDE POR MEIO DA INSERÇÃO DE ELEMENTOS VETEROTESTAMENTÁRIOS (SÉCULOS VIII-IX)
48. Luísa Vilas Boas dos Santos (UFS) - O OLHAR SOBRE URRACA I (1081-1127) DENTRO DOS ANSEIOS DE UMA ÉPOCA
49. Lukas Paz de Barros Lima (UFF) - ATÉ O PRIMEIRO SANGUE: O RITUAL DO HÓLMGANGA
50. Marcelo Lima (UFBA) - O GÊNERO DA VIOLÊNCIA E A VIOLÊNCIA DE GÊNERO: CORPO, TORMENTO E MORTE NAS EJECUTORIAS CASTELHANAS, SÉCULOS XV E XVI
51. Marcelo Lima (UFBA) - “SODOFOBIA” E FORMAS DE VIOLÊNCIA NO DIREITO CASTELHANO MEDIEVAL
52. Marcelo Roberto da Silva (UFRJ) - OS MODELOS REAIS PRESENTES NOS LIVROS IV, V E VI DA *HISTORIA LANGOBARDORUM*, DE PAULO O DIÁCONO
53. Marcio Felipe Almeida da Silva (UFF) - O *ADELANTADO MAYOR DE LA FRONTERA* NA CRÔNICA DE ALFONSO X
54. Marcos Venicius Gonçalves de Farias (UERJ) - AFRESCOS DO BEM COMUM DE AMBROGIO LORENZETTI: UMA REPRESENTAÇÃO ICONOGRÁFICA DE UMA SOCIEDADE POLÍTICA-UTÓPICA NA COMUNA DE SIENA.
55. Marcus Vinícius de Souza (UFRJ) - CONEXÕES ENTRE ROMA E TOMAR: A LIGAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO DE INOCÊNCIO III (1198-1216) PARA PORTUGAL E SUA LIGAÇÃO COM A ORDEM DO TEMPLO.

56. Maria Eduarda Franco Gallo (UNIPAMPA) - A OUTRA FACE DO DIABO: A PERSONIFICAÇÃO CÔMICA DE SATANÁS COMO UM ESCAPISMO AOS MALES SOCIAIS NO MEDIEVO OCIDENTAL.
57. Maria Izabel Escano Duarte de Souza (USP) - DISCUSSÕES SOBRE A FILIAÇÃO ARTÍSTICA DO MANUSCRITO 50,1,016 DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
58. Maria Júlia Dutra Rabelo (UFRJ) - CULTURA POPULAR, PAGANISMO E SUPERSTIÇÃO: CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS SOBRE A ALTA IDADE MÉDIA (SÉCULOS VI-VIII)
59. Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira (UFRJ) - A RAINHA TERESA NA PRIMEIRA CRÔNICA ANÔNIMA DE SAHAGÚN (SÉCULO XII): AUTORIDADE, CONFLITOS E FAMÍLIA
60. Mayara Ramos Saldanha (UERJ) - ASPECTOS DO PROCESSO JURÍDICO SEGUNDO *EL ESPECULO DE LAS LEYES* DE AFONSO X
61. Nathalia Agostinho Xavier (UFRJ) - BISPOS, REIS E NOBRES CRISTÃOS: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE PODER NO REINO DE KENT APÓS A CONVERSÃO (SÉCULOS VI-VII)
62. Nathália Cardoso Rachid de Lacerda (UFRJ) - OS PROJETOS SOTERIOLOGICOS DAS TRADIÇÕES CRISTÃ E HINDU NA IDADE MÉDIA – A CONSTRUÇÃO DE UM OBJETO DE PESQUISA
63. Nathalia de Ornelas Nunes de Lima (UFF) - A MORTE DOS PRIMEIROS REIS DE AVIS E O PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO PODER RÉGIO EM PORTUGAL (SÉCULOS XIV-XV)
64. Nathalia Serenado da Silva (UFRJ) - O BATISMO EM SUA RELAÇÃO COM A EUCARISTIA NAS *SENTENTIAE LIBRI TRES* DE ISIDORO DE SEVILHA (SÉCULO VII)
65. Nathália Velloso de Castro Costa Ribeiro (UERJ) - A CONVERSÃO NA *JIHAD* DA IDADE MÉDIA *VERSUS* A CONVERSÃO NA *JIHAD* DOS GRUPOS RADICAIS ISLÂMICOS
66. Patrícia Marques de Souza (UFRJ) - *OS CAMINHOS PARA A SALVAÇÃO: DAS FALTAS AO PERDÃO NA ARTE DE BIEN MORIR (1484)*.
67. Paulo Christian Martins Marques da Cruz (UNIFESP) - EQUITES ET PEDITES: O LUGAR DA INFANTARIA NORMANDA NAS NARRATIVAS SOBRE A BATALHA DE HASTINGS.
68. Raphael Pais Ventura (UERJ) - A BULA *AD EA EX QUIBUS* E A NOVA ORDEM DE CAVALARIA DE JESUS CRISTO

69. Raquel Hoffmann Monteiro (USP) - LETRAS NO PAÇO DA ALCÁÇOVA – CONTATOS E IDENTIDADES NOS ESCRITOS DA DINASTIA DE AVIS.
70. Raquel Parmegiani (UFAL) - A TRADUÇÃO COMO LUGAR DA (IN) TOLERÂNCIA CULTURAL: CONTROVÉRSIAS LINGUÍSTICAS E DOGMÁTICAS NA OBRA APOLOGIA CONTRA RUFINO DE JERÔNIMO
71. Raquel Parmegiani (UFAL) - “OS HOMENS APENAS CONSTATAM, NÃO CRIAM AS VERDADES”: AS PRÁTICAS DA ESCRITA E AS IDEIAS DE AUTORIDADE E AUTORIA NAS OBRAS DE AGOSTINHO DE HIPONA
72. Rayane Araujo Lopes (UERJ) – JUDEUS: UM OLHAR PELAS TERRAS PENINSULARES
73. Renan Costa da Silva (UFRJ) - DISTINÇÃO RELIGIOSA E CONFLITOS ENTRE CLÉRIGOS E LAICOS NOS CONCÍLIOS INTERPROVINCIAIS FRANCOS (SÉCULOS VI E VII)
74. Renan da Justa Corrêa (UFRJ) - “PODER E GUERRA”: O REI NORUEGUÊS COMO AGENTE DA CRISTIANIZAÇÃO (SÉCULO X)
75. Renan Perozini Gomes Barrozo (UFRJ) - *NORMANDOS*, USOS E ABUSOS DO CONCEITO NO PERÍODO DA RESTAURAÇÃO 1814-1830
76. Richard Gomes da Silva (UERJ) - BASÍLICA NACIONAL DE APARECIDA: IMAGENS DO MEDIEVO E IMAGENS DA CONTEMPORANEIDADE
77. Roberta M. da Gama Bentes (UFPR) - ARTE E CULTURA: IMAGENS E TEXTOS DOS MANUSCRITOS BNF, FR. 854 E 12.473.
78. Robson Rafael de Oliveira Nascimento (UERJ) - RISOS NA “IDADE DAS TREVAS” PROVOCADOS PELAS CANTIGAS DE ESCÁRNIO E MALDIZER DE AFONSO X
79. Thaís Monique Costa Moura (UFS) - NO FIO DO TEMPO: OS RASTROS DE REPRESENTAÇÕES SOBRE BERENGUELA (1180-1246) NA HISTORIOGRAFIA
80. Thalita Soares Claudino (UFRJ) - UMA NARRATIVA GUERREIRA? O PAPEL DO MONASTICISMO NA ESCRITA DA CRUZADA CONTRA OS CÁTAROS A PARTIR DO EXEMPLO DA *HISTORIA ALBIGENSIS* (C. 1212-1218)
81. Thalles Braga Rezende Lins da Silva (UFRJ) - UMA ANÁLISE COMPARADA DA DEMONIZAÇÃO NOS MILAGROS DE NUESTRA SEÑORA, DE BERCEO, E NO LIBER MARIAE, DE JUAN GIL DE ZAMORA
82. Tiago Quintana (UFRJ) - DISCURSOS DE PODER E HEROÍSMO EM *BEOWULF* E NA SAGA DE HARALD HARDRADA
83. Tomás de Almeida Pessoa (UFF) - A CIDADE ALTO MEDIEVAL: ROMA, PARIS, TOURS E NÁPOLES (SÉCULOS V-VI).

84. Vanessa Gonçalves Paiva (UFRJ) - OS ESCRITOS DE AVITO DE VIENA: QUESTÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DO REINO BURGÚNDIO E DA GÁLIA ENTRE OS SÉCULOS V E VI
85. Victor Mariano Camacho (PPGHC/UFRJ) - UM “HOMEM DE SABER” ENTRE OS MENORES: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE ANTÔNIO DE PÁDUA NAS PRIMEIRAS HAGIOGRAFIAS DO SÉCULO XIII
86. Vitor Nunes da Silva (UFS) - A ARISTOCRACIA INGLESA NO SÉCULO XIV A PARTIR DOS TEXTOS SOBRE ROBIN HOOD
87. Wendell dos Reis Veloso (UNIRIO) - *PROBLEMAS DE GÊNERO* E IDENTIDADE CRISTÃ NA QUERELA JOVINIANISTA (SÉCULO V)



PROGRAMA DE ESTUDOS MEDIEVAIS
INSTITUTO DE HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO